



**REFLEXÕES WINNICOTTIANAS ACERCA DO CUIDADOR E CRIANÇAS
EM ABRIGOS INSTITUCIONAIS**

Cleber Luis dos Santos

Caxias do Sul, 2019.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
CURSO DE PSICOLOGIA

**REFLEXÕES WINNICOTTIANAS ACERCA DO CUIDADOR E CRIANÇAS
EM ABRIGOS INSTITUCIONAIS**

Trabalho apresentado como requisito
parcial para aprovação na disciplina
PSI0512D - Trabalho de Conclusão
de Curso II, sob orientação da Profa
Dra Tânia Maria Cemin Wagner.

Cleber Luis dos Santos

Caxias do Sul, 2019.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente aos meus pais, especialmente a minha mãe Catarina dos Santos por sempre incentivar-me a não desistir do meu sonho de ser Psicólogo.

A minha irmã Cariza dos Santos que, mesmo distante, se fez presente em cada dia do curso.

A minha avó Elvira Cardoso dos Santos por me apoiar em todo meu trajeto acadêmico.

Ao meu tio Dilamar Farias Ximendes pelos incentivos e dedicação que sempre teve por mim.

A minha namorada Maiara Corrêa Scheffer que sempre esteve ao meu lado, me incentivando e apoiando para que não desistisse de meus sonhos.

A todos meus professores pelos ensinamentos, em especial à Prof^a Dr^a Tânia Maria Cemin Wagner pela dedicação, orientações e contribuições de melhoria para este trabalho.

Por fim, sou grato a todos que, de alguma forma, direta ou indiretamente, participaram durante todo o percurso de minha vida acadêmica.

“Ninguém se atreveria a sugerir que dar a luz e criar filhos é um permanente mar de rosas, mas a maioria das pessoas não espera que a vida seja doce sem nenhum amargo; apenas reclamam que a parte amarga seja, em certa medida, de sua própria escolha.”

(Winnicott)

SUMÁRIO

RESUMO	06
INTRODUÇÃO	07
OBJETIVOS	10
Objetivo geral	10
Objetivos específicos	10
REVISÃO DA LITERATURA	11
Tipos de instituições de acolhimento.....	11
Importância do vínculo no processo de subjetivação	17
Contribuições do vínculo do cuidador com as crianças em abrigos institucionais.....	22
MÉTODO	25
Delineamento	25
Fontes.....	25
Instrumentos	26
Procedimentos.....	26
Referencial de análise	27
RESULTADOS	28
DISCUSSÃO	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49

LISTA DE TABELA

Tabela 1: Categorias e subcategorias de análise e recortes definidos para análise.....28

Resumo

O presente trabalho busca identificar possíveis contribuições de Winnicott acerca da relação entre crianças e cuidadores em abrigos institucionais. Para tanto, procurou-se, primeiramente, caracterizar os diferentes tipos de acolhimento institucional no Brasil, descrever acerca do vínculo no processo do desenvolvimento infantil e apresentar aspectos fundamentais quanto às contribuições do vínculo do cuidador com as crianças em abrigos institucionais. As Instituições de Acolhimento no Brasil datam do início da colonização Portuguesa. No decorrer dos anos, os abandonos provocaram movimentos para o estabelecimento de normas de higiene e cuidados para os institucionalizados. Atualmente as instituições de acolhimento estão destinadas à crianças e adolescentes afastados do lar sob medidas protetivas ou em situação de abandono. Para que a criança tenha um desenvolvimento saudável, é necessário um ambiente que facilite esse processo, bem como alguém que exerça uma função materna com cuidados suficientemente bons. Desta forma, ao institucionalizar uma criança busca-se uma proteção, porém, este processo pode expor ainda mais, visto que leva a uma ruptura de vínculos sociais e familiares. Logo, os cuidadores em abrigos institucionais desempenham um papel fundamental para o desenvolvimento das crianças ali inseridas, proporcionando por um ambiente seguro. Como método, trata-se de uma pesquisa bibliográfica qualitativa, do tipo exploratória e interpretativa, utilizou-se como fonte de análise o filme: “O Contador de Histórias” de Luiz Villaça (2009). Os dados coletados foram agrupados em três categorias de análise: Contextualização da Instituição; Deprivação e Reinvestimento na Relação de Afeto no Processo de Subjetivação, abrangendo as subcategorias “investimento nas relações de afeto”, “rejeição/não confiança”, “decepção/desilusão”, “valorização”, “respeito” e “resgate do objeto bom”. O estudo utilizou a análise de conteúdo de Laville e Dionne para a discussão do artefato cultural. Os dados analisados apontaram que, havendo condições favoráveis, as crianças menores conseguirão se constituir psiquicamente como saudáveis, mesmo privadas de sua família de origem. E para aquelas destituídas do lar, cujo ambiente lhe proporcionou o mínimo de investimento, é oferecido a elas uma nova oportunidade, pois as mesmas percebem que foi o ambiente que falhou no apoio egóico para sua constituição subjetiva, e assim, poderá retornar ao momento dessa falha e recuperar o desenvolvimento de seu *self* verdadeiro.

Palavras-chave: Crianças, cuidadores, abrigos institucionais.

INTRODUÇÃO

Desde o período da colonização portuguesa no Brasil, há registros de acolhimentos em território nacional. A começar pelas Casas dos Muchachos, ocupadas por órfãos e enjeitados vindos de Portugal e indígenas no processo de catequização pelos Jesuítas, até a criação dos Serviços de Assistência ao Menor (SAM) e a Fundação Nacional de Bem-Estar do Menor (FUNDABEM) entre os anos de 1927 e 1940. (Venâncio, em Torres, 2006; Venâncio, em Fonseca & Kelly, 2016).

Fávero (2007) afirma que consequências de fatores sociais integradas com situação econômica, cultural e emocional, podem propiciar a retirada da criança do poder familiar, porém, esta ação não se dá de forma mecanicista, situando apenas em um âmbito isolado. Assim, as crianças institucionalizadas chegam até a instituição na busca de uma solução emergencial para seus problemas de riscos sociais, físicos e/ou psicológicos.

A criança ao ser institucionalizada sofre uma perda considerável na sua vida, visto que, por mais que estivessem expostas a riscos sociais, físicos e psicológicos, sofreram uma ruptura com a figura de apego. Dessa forma, busca-se, com o acolhimento, um melhor amparo para seu desenvolvimento. Winnicott (1983) descreve que se existe a presença de uma substituta da mãe, esta se torna importante para o desenvolvimento inicial da criança, já que será ela que suprirá as necessidades do infante.

Uma reportagem publicada no site do “Observatório do Terceiro Setor” informa que mais de 47 mil crianças vivem em situação de acolhimento no Brasil atualmente, destas, apenas 17,8% estão aptas a ser legalmente adotadas. (<https://observatorio3setor.org.br/carrossel/47-mil-criancas-e-adolescentes-vivem-emabrigos-no-brasil/>).

As condições propostas em instituições de acolhimento é prover as necessidades básicas das crianças que ali estão abrigadas, tornando um local mais próximo possível de suas casas, porém, os funcionários da instituição possuem carga horária de trabalho, vida privada e possibilidade de gozar de férias, diferente da família de origem, a qual os pais não tiram férias de seus filhos.

Com intuito de ampliar a luta pelos direitos das crianças e adolescentes, no ano de 1990 criou-se a Lei Nº 8.069 de 13 de julho do referido ano, Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), o qual no seu Art. 3º determina que:

toda criança e adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. (Lei Nº 8.069 de 13 de julho de 1990, p.11).

Em 1993 surge a Lei Nº 8.742 de 07 de dezembro de 1993 (Lei Orgânica da Assistência Social - LOAS) a qual, dentre seus objetivos, visa estabelecer e promover a proteção à infância, à família, à maternidade, bem como o amparo aos adolescentes e crianças carentes. Como consequência, esse grupo passa a ser prioridade nas ações de intervenção. Já em 2009 é aprovada, através da Resolução nº 109, de 11 de novembro de 2009, a Tipificação Nacional dos Serviços Socioassistenciais para padronizar os serviços do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), normatizando os diferentes tipos de acolhimentos (LOAS, 1993).

A Tipificação Nacional de Serviços Sociais (2009) propõe diferentes tipos de acolhimento, dentre eles os Abrigos Institucionais, sendo que sua caracterização deverá se assemelhar ao máximo ao de uma residência. O ambiente deverá ser acolhedor e com, no máximo, 20 crianças e adolescentes. Possuir uma equipe multiprofissional capacitada para receber as crianças, apoiá-la em suas rotinas diárias e prepará-las para seu desligamento, evitando, assim, maiores danos futuros.

Ao longo da graduação, trabalhou-se como estagiário em um programa do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, no município de Caxias do Sul chamado Primeira Infância Melhor (PIM). Em seguida, ao término do estágio, teve-se ocupação do cargo de Subcoordenador em outro programa voltado para a Primeira Infância no estado da Paraíba, alocado dentro da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Humano (SEDHPB). Tais programas possuem em comum o desenvolvimento infantil na sua integralidade, abrangendo as diferentes áreas do desenvolvimento humano: linguagem, cognição, motricidade e afetividade. Além disso, o método de trabalho de ambos se dá por visitas domiciliares, no qual o visitador, profissional que atua diretamente com famílias em situação de vulnerabilidade, é o orientador no desenvolvimento das atividades propostas que levará ao objetivo fim: desenvolvimento integral infantil e fortalecimento de vínculo familiar.

Durante a carreira acadêmica, foi apresentada nas diversas disciplinas, a importância do vínculo familiar no desenvolvimento psíquico da criança, sendo esta de suma relevância para a vida adulta. Entretanto, quando tais laços são rompidos, poderão desenvolver algum tipo de transtorno caso outra pessoa não assuma as funções maternas e paternas.

Do disposto, o presente trabalho buscou identificar possíveis contribuições de Winnicott acerca da relação entre crianças e cuidadores em abrigos institucionais. Para isso, procurou-se, primeiramente, descrever os diferentes tipos de acolhimento institucional no Brasil, descrever acerca do vínculo no processo de desenvolvimento infantil e apresentar aspectos fundamentais quanto às contribuições do vínculo do cuidador com as crianças em abrigos institucionais. A partir disso, será possível destacar contribuições para os serviços e os profissionais que trabalham nessas instituições de forma positiva para o desenvolvimento infantil. Ainda, juntamente com a área de serviço social, buscar uma melhor forma de organização para os serviços prestados na instituição, visando a saúde mental da criança institucionalizada, bem como a possibilidade de contribuição no que tange às políticas públicas voltadas para adoções e/ou retorno das mesmas ao seu lar de origem. Já junto à educação, projetos voltados para o desenvolvimento integral infantil em forma de capacitações para os trabalhadores daquele local. Dito isto, o problema de pesquisa que se propõe a responder refere-se a: Quais as possíveis contribuições de Winnicott acerca da relação entre crianças e cuidadores em abrigos institucionais?

OBETIVO GERAL

Identificar possíveis contribuições de Winnicott acerca da relação entre crianças e cuidadores em abrigos institucionais.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Caracterizar os diferentes tipos de instituições de acolhimento.

Descrever acerca do vínculo no processo de desenvolvimento infantil.

Apresentar aspectos fundamentais quanto às contribuições do vínculo do cuidador com as crianças em abrigos institucionais.

REVISÃO DA LITERATURA

Neste trabalho será possível, através de entendimento histórico dos acolhimentos realizados no Brasil, identificar as normas que os regulamenta bem como os diferentes tipos de instituições voltadas para devidos fins. Posteriormente, será descrito a importância dos vínculos no processo De desenvolvimento infantil, utilizando como principal autor Donald Woods Winnicott. Por fim, a partir de um entendimento acerca dos vínculos entre a criança e seu cuidador, buscou-se descrever sobre as contribuições do vínculo do cuidador com as crianças em abrigos institucionais, já que esta substituirá os cuidados maternos dentro da instituição.

Tipos de Instituições de Acolhimento

As Instituições de Acolhimento no Brasil tem seu início na colonização Portuguesa pelos Jesuítas para a catequização dos nativos. Na época, tais instituições eram denominadas de Casa dos Muchachos, essas casas eram ocupadas por órfãos e enjeitados vindos de Portugal, além dos indígenas. (Bento, em Fonseca & Kelly, 2016).

Os acolhimentos institucionais não são recentes, de acordo com Fonseca e Kelly (2016), os primeiros documentos de acolhimento datam do final século XVII e início do século XIX, a partir dos livros de registros da Roda dos Expostos da Santa Casa de Misericórdia ¹ da cidade de São Paulo. Esses livros eram compostos de uma página para cada criança com detalhes da hora, data e condições que ela se encontrava quando depositada na Roda.

Com o passar do tempo, o fenômeno de abandono ganhou repercussão em toda a Europa, inclusive no Brasil, acerca das condições precárias dos acolhimentos, provocando um movimento para o estabelecimento de normas de higiene e cuidados. A Igreja Católica, então, cria através dos padres Jesuítas, obras que descreveriam “a boa criação dos meninos enjeitados.” (Venâncio, em Fonseca & Kelly, 2016). Portugal, reconhecendo os problemas da

¹ A Roda dos Expostos ou Roda dos Enjeitados consistia num mecanismo utilizado para abandonar (expor na linguagem da época) recém-nascidos que ficavam ao cuidado de instituições de caridade. O mecanismo, em forma de tambor ou portinhola giratória, embutido numa parede, era construído de tal forma que aquele que expunha a criança não era visto por aquele que a recebia. Esse modelo de acolhimento ganhou inúmeros adeptos por toda a Europa, principalmente a católica, a partir do século XVI. (Fonseca & Kelly, 2016)

Roda dos Expostos decreta seu fechamento em 1867, acabando com o anonimato expositor, no entanto, permanecendo a Casa dos Expostos. Outras instituições surgiram, a partir daí, para dar conta dos abandonos de crianças. Na sua maioria, recebiam crianças a partir dos 07 anos de idade com intuito de ministrar instruções elementares, como ler, escrever e contar. Coube aos Conselhos Municipais dar os encaminhamentos e a manutenção dos cuidados das crianças em seu território bem como o direcionamento das mesmas para as casas dos expostos e amas dos expostos, que recebiam pagamentos por parte dos municípios. Assim, os municípios eram obrigados a manter as Casas de Caridades, se responsabilizando pelas finanças, liberdade dos enjeitados, e cuidados com a saúde. Também, não havia uma distinção dos serviços ofertados à infância carente e todas as crianças enviadas ao hospital, dessa forma, todas eram classificadas como enjeitados, assim, o feito de responsabilidade dos pais estavam sujeitos à proteção pública. (Fonseca & Kelly, 2016)

De acordo com Venâncio (em Torres, 2006) entre os anos 1900 e 1926, deu-se o fim dos sistemas de auxílio domiciliar, criando-se creches e generalizando os Orfanatos, como consequência, os meninos maiores de 07 anos vão para Colônias Correcionais, Abrigos de Menores, Colégios Agrícolas, Casas Pias, Companhia de aprendizes Marinheiros e de Aprendizes Artífices dos Arsenais da Marinha. Já entre 1927 e 1940, fecham-se as Rodas dos Expostos das Casas de Misericórdias e o trabalho infantil é proibido. Entre 1941 e 1964 são criados os Serviços de Assistência ao Menor (SAM) e a Fundação Nacional de Bem-Estar do Menor (FUNABEM), ampliando as instituições correcionais de menores infratores. O problema das crianças abandonadas passa, então, a ser visto como de segurança Nacional.

Em 1993, surge a Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS) para regulamentar o Art. 203 da Constituição Federal de 1988. Tal lei estabelece uma rede de proteção e promoção social e, dentre seus objetivos, destaca-se seu Art. 2º, Caput I e II, que busca, respectivamente, assegurar a proteção à família, à maternidade, à infância, à adolescência e à velhice e o amparo às crianças e adolescentes carentes. (LOAS, 1993);

Como consequência, essa lei orienta todas as ações relativas às crianças e adolescentes, considerando a criança, o adolescente e a família, em situação de vulnerabilidade, como prioridade nas ações de intervenção.

A LOAS (1993) define ainda em seu Art. 23, a criação de programas de amparo às crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social, visando o cumprimento do Art.

227 da Constituição Federal (1988) que determina o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar, sendo um dever da sociedade, da família e do estado prezar por tais direitos, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, exploração, violência, discriminação, opressão e crueldade. (LOAS, 1993).

No ano de 2009, por meio do Conselho Nacional de Assistência Social, juntamente com os avanços advindos do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), surge através da Resolução Nº 109, de 11 de Novembro do mesmo ano, a Tipificação Nacional dos Serviços Socioassistenciais, padronizando, dessa forma, em todo território Nacional os serviços de Proteção Social Básica e Especial. Essa Tipificação propunha, dentre outros, o acolhimento às crianças e adolescentes afastados do lar sob medidas protetivas ou em situação de abandono. A Resolução determina também que, tanto o acolhimento quanto à reintegração à família, seja ela de origem ou substituta, deverá assegurar condições favoráveis ao desenvolvimento da criança. Dessa forma, os efeitos nocivos do abandono e afastamento familiar, sob condições favoráveis, poderão ser minimizados.

Os Serviços de Proteção Especial é divididos em Média e Alta Complexidade, sendo que a de Alta Complexidade trata dos acolhimentos institucionais da seguinte forma: Serviço de Acolhimento Institucional, o qual se divide nas modalidades de abrigo institucional, casalar, casa de passagem, residência inclusiva; Serviço de Acolhimento em república; Serviço de Acolhimento em Família Acolhedora; e Serviço de Proteção em Situações de Calamidade Pública e Emergenciais. (Resolução nº 109, de 11 de novembro de 2009).

Ainda, conforme a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais (2009), os serviços de acolhimento institucional devem funcionar inseridos na comunidade, com características residenciais, possuindo uma estrutura adequada e ambiente acolhedor próximo ao do ambiente familiar. Estas instituições são destinadas a indivíduos e/ou famílias cujos vínculos familiares estejam rompidos ou fragilizados, tal ambiente deve possuir caráter provisório e excepcional para ambos os sexos sob medida protetiva. No mesmo ano é publicada, pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome, as Orientações Técnicas dos Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes. Como princípio norteador, o guia de Orientações propõem a excepcionalidade do afastamento do convívio familiar, sendo esta medida aplicada apenas em casos graves de risco à integridade psíquica e/ou física; provisoriedade do afastamento do convívio familiar, viabilizando esforços para o

retorno da criança a um lar no menor tempo possível com segurança à família de origem ou substituta, quando for o caso; preservação e fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários, visto que, tal etapa, é de suma importância para o desenvolvimento e formação da identidade; garantia de acesso e respeito à diversidade e não-discriminação, respeitando sua origem, orientação sexual e religiosa entre outras; oferta de atendimento personalizado e individualizado, propondo cuidados que condizem com suas particularidades e necessidades; garantia de liberdade crença e religião; e respeito à autonomia da criança e do adolescente e jovem. (Orientações Técnicas: Serviço de Acolhimento para Crianças e Adolescentes, 2009).

A Norma Operacional Básica de Recursos Humanos do Sistema Único de Assistência Social (NOB-RH/SUAS, 2011) dispõe como referência para abrigos institucionais, casa-lar e casa de passagem, um cuidador para até 10 usuários por turno, diminuindo para 08 quando houver 01 usuário com demanda específica e para 06 quando houver 02 com demandas específicas. Também propõe, dentre suas diretrizes, a equipe de referência necessária para compor os abrigos institucionais, casa-lar, e casa de passagem.

Para a equipe de referência com o atendimento direto, deverá conter a equipe abaixo descrita:

- 01 Coordenador, de nível superior referenciado para até 20 usuários acolhidos em, no máximo, 02 equipamentos;

- 01 Cuidador, de nível médio e qualificação específica para até 10 usuários por turno, esta quantidade de cuidador para usuário deverá ser aumentada quando houver usuários que demandem atenção específica (com deficiência, com necessidades específicas de saúde, pessoas soropositivas, idade inferior a um ano, pessoa idosa com Grau de Dependência II ou III, dentre outros). Para tanto, deverá ser adotada a seguinte relação: a) 1 cuidador para cada 8 usuários, quando houver 1 usuário com demandas específicas; b) 1 cuidador para cada 6 usuários, quando houver 2 ou mais usuários com demandas específicas;

- 01 Auxiliar do Cuidador, de nível fundamental e qualificação específica para até 10 usuários por turno. A quantidade de cuidador por usuário deverá ser aumentada quando houver usuários que demandem atenção específica (com deficiência, com necessidades específicas de saúde, pessoas soropositivas, idade inferior a um ano, pessoa idosa com Grau de Dependência II ou III, dentre outros). Para tanto, deverá ser adotada a seguinte relação: a)

1 auxiliar de cuidador para cada 8 usuários, quando houver 1 usuário com demandas específicas; b) 1 auxiliar de cuidador para cada 6 usuários, quando houver 2 ou mais usuários com demandas específicas.

Para a equipe de referência no atendimento psicossocial, vinculado ao órgão gestor, deverá conter a equipe abaixo descrita:

-01 Assistente social de nível superior para, no máximo, 20 usuários acolhidos em até dois equipamentos da alta complexidade para pequenos grupos;

- 01 Psicólogo de nível superior, para atendimento, no máximo, de 20 usuários acolhidos em até dois equipamentos da alta complexidade para pequenos grupos.

Para a metodologia das instituições de acolhimento, as Orientações Técnicas dos Serviços de Acolhimento para Criança e Adolescentes (2009), propõe um estudo diagnóstico, plano de atendimento individual e familiar, articulação intersetorial, um projeto político-pedagógico, visando a permanência de crianças com familiares também acolhidos e orientações para capacitações continuadas da equipe. Tais orientações destacam os parâmetros de organização dos serviços de acolhimentos para crianças e adolescentes diferenciando os tipos de acolhimento em abrigos institucionais, casa-lar, serviço de acolhimento em famílias acolhedoras e repúblicas.

Os Abrigos Institucionais devem estar localizados em áreas residenciais, com aspectos semelhantes de uma casa, harmonizando sua arquitetura com as demais moradias do local a qual está inserida. Atender crianças e adolescentes de 0 a 18 anos de idade sob medidas protetivas, com no máximo 20 indivíduos institucionalizado por equipamento, não poderá ser instalada placas que indiquem sua natureza institucional; ainda, oferece serviços que possibilitem os cuidados, vinculação com o cuidador de referência e uma rotina diária; os cuidadores deverão trabalhar em turnos diários fixos, desaconselhando o plantão. Sua equipe profissional mínima deverá ser composta por: 01 coordenador com experiência na área e conhecimento da rede de proteção, formação em nível superior, experiência em atendimento a crianças e adolescentes, 02 profissionais para até 20 crianças/adolescentes, 01 educador/cuidador para até 10 usuários por turno, formação mínima de nível médio; auxiliar de educador/cuidador com formação mínima de nível fundamental e capacitação específica, atendimento para até 10 usuários por turno. Sua estrutura física deverá possuir 01 quarto para

04 usuários, sala de estar e jantar com espaço suficiente para acomodar o número de usuários atendidos, ambiente para estudos com espaço específico para tal modalidade, 01 banheiro para até 06 usuários e banheiro para os funcionários, cozinha com espaço para armazenar os utensílios e os usuários do local, área de serviço, área externa sala para equipe técnica, sala da coordenação e atividades administrativas, espaço para reuniões. Toda a infraestrutura deverá oferecer acessibilidade e transportes para visitas domiciliares e reuniões.

A Casa-lar visa o atendimento para até 10 crianças/adolescentes de zero a 18 anos, possui a estrutura de uma residência privada, localizada em áreas residenciais. A figura do educador/cuidador residente é uma das principais diferenças desta para os abrigos institucionais, além da quantidade de usuários atendidos. O educador/cuidador residente participa ativamente das decisões relacionadas à casa-lar, possuindo autonomia de gerir despesas domésticas e sua rotina. A figura desse profissional visa a maior estabilidade o ambiente institucional e mais proximidade a uma rotina familiar. A equipe, a exemplo dos abrigos, é composta por 01 coordenador, 02 profissionais para equipe técnica, 01 educador/cuidador para até 10 usuários, 01 auxiliar de educador/cuidador para o mesmo número de usuários.

O Serviço de Acolhimento em Família Acolhedora, por sua vez, é um serviço provisório, não se enquadra em conceito de abrigo nem família substituta. Atende também crianças e adolescentes de zero a 18 anos, porém limitando-se a apenas uma por vez, salvo se tratando de irmãos. Tais famílias são selecionadas capacitadas e acompanhadas pela equipe técnica de serviços de acolhimento. Para fazer parte desse serviço, usam-se critérios de seleção e capacitação, visando o bem-estar do acolhido. Assim tal processo, acontece através de análise documental, capacitação, avaliação inicial, seleção, cadastramento e acompanhamento.

Quando há encaminhamento para esse serviço, tanto a criança/adolescente quanto a família de origem e a família acolhedora passam por uma preparação e acompanhamento psicossocial.

A República, diferentemente dos outros serviços elencados, possui como público alvo jovens de 18 a 21 anos em situação de vulnerabilidade de risco social e pessoal é indicado para os jovens em processo de desligamento dos serviços de acolhimento. Atende no máximo 06 jovens por equipamento e sua infraestrutura, a exemplo dos demais, deve seguir os padrões

da localidade a qual está alocada. A equipe multiprofissional mínima deverá ser composta por 01 coordenador e 01 equipe técnica.

As crianças institucionalizadas demandam de cuidados fundamentais que serão ofertados por adultos capazes de supri-las. São estes que estarão presente no desenvolvimento e crescimento daquelas. O cuidador ocupa um espaço importante nas instituições de acolhimento e mais ainda na vida dos internos. A profissão de cuidador é desafiadora, já que, em muitos casos, apesar de ser prescrito em normas técnicas, não há um preparo, formação e espaço de escuta para os profissionais que executam esta função. (Gabeira & Zorning, 2013; Lemos & Silva, 2019).

Importância do Vínculo no Processo de Desenvolvimento Infantil

Dias (2003) relata que nenhuma criança ou bebê, poderá tornar-se uma pessoa real caso não receba cuidados de um ambiente que o sustente e facilite seus processos de amadurecimento. Para os bebês que não recebem os cuidados suficientemente bons, poderão não conseguir realizar-se nem mesmo como um bebê. Alega também que “o bebê depende fundamentalmente da presença de um ambiente facilitador que forneça cuidados suficientemente bons.” (p.96). Para que a criança se torne um indivíduo, é necessário um ambiente que facilite esse processo bem como alguém que exerça a função materna que propicie este ambiente.

Freud e Burlingham (1965) afirmam que o problema psíquico de uma criança segregada de sua mãe não é fácil de resolver, visto que suas necessidades afetivas e materiais não podem ser satisfeitas de longe, também, após um período de saudade, a criança desenvolve vínculo com um substituto.

Freud e Burlingham (1965) enfatizam a partir de observações com crianças, realizadas em um berçário de Hampstead, Londres, as quais estavam afastadas por longo período de suas mães que, algumas delas passavam a apresentar preferências por certas empregadas do berçário, seguindo-as e solicitando que não as deixassem, exigindo atenção pessoal. Também observaram que, apesar de ser oferecidas oportunidades para o desenvolvimento, algumas apresentavam retardo na sua evolução e que o vínculo afetivo originou sentimentos de ciúmes.

Winnicott (1982) afirma que as condições necessárias para o crescimento individual da criança estão sempre em estado de transformação tanto qualitativa quanto quantitativa em relação à idade e às necessidades. Somente alguém que ame a criança é capaz de fazer adaptações às suas necessidades, graduando, dessa forma, “um malogro na adaptação para acompanhar a evolução da capacidade individual da criança e tornar possível o uso do próprio malogro” (Winnicott, 1982, p. 208). Bonavides (2005) descreve que a criança necessita, para seu bem-estar, sentir-se amada e valorizada, sendo de suma importância que alguém lhe ofereça segurança, apoio e amor, influenciando, dessa forma, como irá se desenvolver.

Winnicott (1982) considera que a criança bem desenvolvida de quatro anos de idade, necessita ter pais com quem se identifique, assim sendo, a forma de identificação que a criança absorve, imita ou contra reage será a conduta e a relação recíproca de ambos os pais. Uma forma física de amor é o que a criança necessita para ser amparada afetuosamente. Da mesma forma Abreu (em Gabatz, 2016) declara que a criança cria sua autoimagem a partir da interação com a figura de apego, e estas passam a desempenhar um papel essencial na personalidade da criança, atuando na forma de agir, pensar e sentir.

Para Winnicott (1999), não existe, inicialmente no bebê um consciente e um inconsciente, mas um complexo anatômico juntamente a um potencial herdado, que necessita de condições favoráveis para seu desenvolvimento. Winnicott (1987) levanta um questionamento sobre a origem do indivíduo. Diante disso, oferece uma periodização no desenvolvimento da criança, a começar pela ideação do bebê, ou seja, pelo ato de concebê-lo mentalmente pelos pais. No entanto, conclui ele, o ato de desejar a criança, não é capaz de produzi-la por si só, logo fornece outros elementos que completam a origem do indivíduo, como o cérebro, como órgão; os sinais de vida; a viabilidade (possibilidade de sobrevivência); a significação da psicologia, esta somada à anatomia, à fisiologia; o nascimento; o Eu e o Não-Eu; a objetividade (quando a criança aceita a realidade externa); código moral (no momento que a criança se responsabiliza pelas ações e ideias); o brincar e a experiência cultural; e a realidade psíquica pessoal.

Winnicott (1983) afirma que os lactentes, caso não possuam certas condições, não poderão “começar a ser”. Dessa forma, a criança necessita de condições favoráveis ou desfavoráveis, para o seu desenvolvimento. O autor afirma ainda, que este “vir a ser” é um potencial herdado do indivíduo, incluindo tendências no sentido de desenvolvimento e do crescimento, porém, os estágios do desenvolvimento, apesar de serem mais ou menos datados,

variam de criança para criança. Para que o potencial herdado se desenvolva em uma existência independente do lactente, se necessita de um cuidado materno satisfatório, o qual pode ser classificado em três estágios: *holding*; mãe e lactente vivendo juntos; e pai, mãe e lactente vivendo juntos.

No processo de *holding*, para Winnicott (1983), não significa apenas o segurar físico, senão a posição do ambiente, suas relações objetais e a percepção dos objetos como externo ao bebê. É nesta fase ainda que o processo primário, identificação primária, autoerotismo e narcisismo são realidades. Assim sendo, há uma integração estruturada do ego que, se há uma continuidade do cuidado materno, percebida como tal pelo bebê, resultará em um estado unitário, possibilitando o lactente a tornar-se uma pessoa com individualidade própria. Ainda nessa fase, de acordo com Winnicott (1983), outros processos importantes são iniciados, como o despertar da inteligência e o início da mente como algo separado da psique, possibilitando dessa forma, todo “processo secundário da função simbólica e da organização do conteúdo da psique pessoal”. (p. 45). Porém, caso não haja um *holding* suficientemente bom, estes estágios não podem ser alcançados e, quando conseguem, não podem ser mantidos. É nesta fase também que Winnicott (1983) classifica a dependência do bebê em: absoluta (não percebe o cuidado materno, apenas se beneficia dele); dependência relativa (reconhece as necessidades dos cuidados e pode redirecioná-lo ao impulso pessoal) e por fim, rumo à independência (a criança desenvolve meios para viver sem o cuidado real, através do acúmulo de recordações do cuidado, introjetando detalhes deste e desenvolvendo confiança no meio).

As funções de uma mãe suficientemente boa nos primeiros estágios de desenvolvimento reduzem-se, além do *holding*, a manipulação (*handling*) e a apresentação dos objetos. Com o *handling*, ocorre a personalização, ou seja, a integração entre *psique* e soma, possibilitando ao bebê a capacidade de habitar o próprio corpo. Um exemplo dessa integração propiciada pela mãe se dá no momento da troca de fraldas, a qual, através da conversa com a criança, permite que a criança explore suas sensações sensoriais. Na apresentação do objeto, há uma permissão para a criança de uma gratificação pulsional. Desenvolve-se, com isso, uma relação com objeto e uma capacidade de viver uma ilusão de onipotência e capacidade de lidar com o mundo externo. (Winnicott, 2000).

Winnicott (1983) também considera como potencial herdado o *self* central. O isolamento desse *self* é percebido como uma característica de saúde. Porém, seu isolamento, poderá constituir em uma ansiedade maior. Para evitar irritações que poderiam perturbar o

isolamento, as falhas no cuidado materno resultarão como as defesas mais precoces. Essas irritações são percebidas e manejadas pela organização do ego. Todavia, podem também superar as defesas do ego, que é provida pelo cuidado materno, afetando-o e tornando-o suscetível à ansiedade psicótica. Mas, geralmente, o sujeito se torna invulnerável e, se faltas externas o irritam, a melhor defesa encontrada é a organização de um falso *self*. A ansiedade neste estágio se relaciona com a ameaça de aniquilamento, logo, reagir a essa ansiedade é a alternativa encontrada, entretanto essa reação interrompe a continuidade de ser o potencial herdado e o aniquila. Dessa forma, torna-se função principal do ambiente a redução mínima dessa irritação, favorecendo a continuidade da existência de um ser.

Conforme Winnicott (1983), há um estágio em que os bebês não separam o *self* do cuidado materno. Neste estágio a criança necessita de provisões do ambiente, de alguém que satisfaça suas necessidades fisiológicas e que seja consistente. O *holding*, nesta fase, leva em conta a sensibilidade física do lactente. Estes cuidados induzem as primeiras relações objetais e às gratificações instintivas como forma de agradecimento. Como mencionado anteriormente, no estágio de dependência absoluta, a criança necessita de alguém que provê um ambiente que satisfaça suas necessidades fisiológicas, seja consistente, leva em conta a sensibilidade cutânea e a cuida dia e noite. Estas tarefas cabem ao papel do cuidado materno, lembrando que qualquer pessoa poderá exercer este papel suficientemente bom. Mas é quando há falhas do cuidado materno que o lactente as percebe e consegue diferenciar o que lhe é provido adequadamente e o que está sendo prevenido.

Winnicott (1983) descreve que o cuidado materno só é possível porque a mãe já foi bebê um dia, assim há uma identificação projetiva com o bebê, essa identificação dura por algum tempo após o parto. É através deste cuidado que o lactente é capaz de constituir-se, tendo como base o potencial herdado. Ainda, de acordo com o autor, a mãe suficientemente boa, possui como tarefa única temporária, a função de ego auxiliar para a criança, propondo-lhe uma breve experiência de onipotência. Todavia, segundo Winnicott(1999), para o bebê ser mal sucedido em sua adaptação, ele precisará de sua mãe. Afirma também que, para a criança, vivenciar uma situação de onipotência, já dispondo de mecanismos que a permitem conviver com dificuldades do ambiente e frustrações, seria muito aborrecedor.

Uma criança tornar-se-á pessoa no momento em que há o início da existência do ego. O que determinará se este é forte ou fraco será a capacidade que a mãe terá de satisfazer a dependência absoluta da criança. Esta capacidade de suprir as necessidades do bebê, o fará ter

uma breve experiência de onipotência. A tarefa da mãe em fazê-lo sentir-se onipotente, é possível devido à capacidade do bebê em relacionar-se com objetos subjetivos, chegando, algumas vezes, no princípio da realidade. Caso a mãe não seja suficientemente boa, não será possível para a criança o início da maturação do ego, ou fará que o ego sofra uma distorção em algum aspecto importante. (Winnicott, 1983).

Como consequência de um apoio defeituoso, a criança sofrerá de uma ansiedade inimaginável. Se tais falhas, ou privação, dos cuidados, não forem corrigidos, o desenvolvimento da criança poderá ser deturbado. (Winnicott, 1999).

Quando o ambiente falha em oferecer à criança possibilidades que a faça sentir-se onipotente, diz-se que ela foi privada dos cuidados. No entanto, Winnicott (2000) descreve que, se a criança possuiu uma experiência boa e, posteriormente, a perdeu, diz-se que a mesma desenvolveu o complexo de de-privação.

A de-privação é um dos primeiros sintomas da tendência antissocial. Esta tendência implica em esperança. A falta de esperança é a característica central de uma criança de-privada. Os comportamentos antissociais de uma criança de-privada, são impulsos inconscientes que obriga alguém a cuidá-la. A de-privação propriamente dita só ocorrerá quando há uma tendência antissocial. (Winnicott, 2000)

Winnicott (2000) afirma que a de-privação propriamente dita ocorre quando uma criança, ao perder algo bom, estende a memória da experiência por um tempo maior que aquela em que ela seria capaz de manter viva esta experiência.

Os primeiros sinais de uma de-privação, por vezes passam despercebidos, já que são comuns. Comer ou beber apressadamente (sofreguidão) é um sintoma comum no comportamento antissocial. Na criança que apresenta esse comportamento, poderá haver uma grande de-privação e uma compulsão para a busca de tratamento no ambiente. Para a criança, a mãe se dispõe a satisfazer esta compulsão, levando ao sucesso da terapia. (Winnicott, 2000).

O bebê utiliza-se da sofreguidão para buscar a cura pelas mãos da mãe que provocou a de-privação. As mães, geralmente, respondem às exigências compulsivas do bebê, tendo sucesso na terapia da de-privação. Isso é possível, pois, a mãe, responde adaptativamente à

sofreguidão do bebê. No entanto, caso a de-privação tenha sido severa demais, a terapia realizada pela mãe não obterá sucesso. (Winnicott, 2000).

Ao compreender que as causas da depressão ou desintegração é externa, haverá uma distorção da realidade e a criança buscará uma cura numa nova provisão ambiental. Se a criança encontrar uma pessoa que passe a amá-la, encontrará condições favoráveis que a permitem deixar de exigir as provisões do ambiente, revertendo, assim, os comportamentos antissociais. Logo, compreender que o comportamento antissocial é a expressão de esperança, nos permitirá um melhor manejo para com estas crianças, correspondendo aos anseios da mesma. (Winnicott, 2000).

Contribuições do Vínculo do Cuidador com as Crianças em Abrigos Institucionais

Quando uma criança é destituída do poder familiar, alguém terá que cuidá-la. Criar leis não são suficientes para propiciar à criança um ambiente saudável, apesar de ser o primeiro estágio. Logo, há a necessidade do envolvimento de um ser humano para realizar tal tarefa, porém, que seja do tipo adequado. (Winnicott, 1984).

Winnicott (1984) considera que a melhor forma de ajudarmos uma criança que sofreu de-privação é, primeiramente, identificar o montante de desenvolvimento emocional que lhe foi propiciado pelo ambiente suficientemente bom no início das relações do bebê com a mãe, na triangulação pai-mãe-bebê e, posterior a isso, avaliar os possíveis danos causados por essa de-privação, o momento em que começou e a persistência subsequente.

Ferrarini, Bertolucci e Silva (2008) descrevem que se busca uma proteção ao institucionalizar a criança, porém, dessa forma, a expõe ainda mais, visto que as leva a uma ruptura de vínculos sociais e familiares. No entanto, para garantir seu desenvolvimento saudável, há a necessidade de uma assistência, alimentação, educação, liberdade, carinho e compreensão, suprindo o que lhe foi negado no seio familiar. Dessa forma é necessário investir esforços na preparação dos profissionais que ali atuam, preparando-os e apoiando-os emocionalmente.

Winnicott (1982) propunha que os professores de escolas maternais precisam aprender a respeito dos cuidados maternos, uma vez que as crianças que encontram-se ali, em algum

momento foram bebês que necessitaram de assistência materna. Através destes conhecimentos, poder-se-á corrigir os fracassos, desde que não muito graves, do ambiente que outrora fora propiciado aos infantes que ali estão. A escola, mesmo que por poucas horas diárias, dispõe de um papel importante no que tange a atmosfera emocional, dispondo de uma pausa para o desenvolvimento emocional da criança. Mesmo assim, a escola não servirá como uma substituta do lar, servindo apenas como apoio à ele. Hecht e Silva (em Diniz, Assis & Souza, 2017) descrevem que os danos sofridos pela ruptura do vínculo materno e familiar sofrido pelas crianças institucionalizadas, podem ser atenuados pela atenção desprendida pelos cuidadores.

Charon (em Gabatz, 2016), indica que, para o desenvolvimento do “eu”, somos absolutamente dependentes dos outros, e que a constituição do sujeito e a aquisição de símbolos, são criadas através dessa interação, ou seja, é por meio das ações e palavras dos outros que percebo a minha existência.

Para Tinoco e Franco (2011), a criança institucionalizada que passou por um processo de perda da figura de apego, ficará ainda mais desestruturada caso algum adulto não desempenhe este papel. No entanto, os danos poderão ser reduzidos se a figura substituta possibilitar que ela expresse seus sentimentos e a compreenda, favorecendo, dessa forma, uma relação segura, boa capacidade de enfrentamento e autoestima.

Winnicott (1999) destaca que o perigo da separação da criança de sua mãe, é maior quanto menor for a criança. Assim, é possível uma criança que deixa o lar, independente da idade, sentir-se triste, mas, para a criança menor, essa experiência de tristeza significa muito. Sobre essa tristeza, o autor afirma que “pode, de fato, equivaler a um *blackout* emocional e levar facilmente a um distúrbio grave do desenvolvimento da personalidade, distúrbio esse que poderá persistir por toda a vida.” (p. 10).

Segundo Blumer (em Gabatz, 2016), é a interação social que um ser tem com seus companheiros que dá significado às coisas, assim sendo, a interação nos abrigados com seus cuidadores influenciará no modo que desprenderão sentido e significado destas.

Gabatz (2016) descreve que, para o desenvolvimento saudável da criança em contexto de abrigos institucionais, é muito relevante a interação simbólica entre ela e os cuidadores. Essas interações, segundo o autor, são importantes para a construção de representações de

símbolos e linguagem, que atenderão ou criarão contextos que auxiliarão na promoção de uma vida saudável. Também propõe que o estabelecimento e fortalecimento de vínculos entre cuidador e criança, leva à vontade de adoção por parte daqueles, e reitera que a relação de apego nessa situação se assemelha a que os pais têm com os filhos.

Em um estudo realizado por El Kaumi, Banna, Youssef, Raya e Ismail (2012) com crianças de orfanatos do Egito, identificou-se que essas crianças são mais propensas a desenvolver transtornos psiquiátricos, no entanto com a proteção disponibilizada pelos cuidadores, pode-se garantir maior possibilidade de saúde mental.

Tizard e Tizard (em Barros & Fiamenghi, 2007) revelam que as qualidades da instituição a qual a criança está inserida causam efeitos adversos em seu desenvolvimento, sendo que aquela que oferece baixa proporção entre adulto-criança, condições de higiene, estimulação emocional e física e de saúde, favorecem positivamente para o desenvolvimento. Barros e Fiamenghi (2007) alegam que se faz necessário o estabelecimento de uma forte vinculação afetiva com a criança, proporcionando um desenvolvimento integral e saudável. Os mesmos autores descrevem que, para as crianças vítimas de abandono terem um desenvolvimento saudável, dependerá do apego maior ou menor que conseguirem dedicar aos cuidadores. Dessa forma, quanto maior for o afeto nesta relação, a chance de se tornar um adulto moral e socialmente independente aumenta, do contrário estará exposta às consequências da escassez da vinculação e comprometerá seu desenvolvimento.

Há duas formas de tratamento para as crianças privadas da vida familiar. Uma, oferecendo um ambiente forte e estável, com assistência de amor pessoal e graus de liberdade, e a outra através de psicoterapia pessoal. Porém, sem que haja a primeira forma de tratamento para a criança, para a segunda será mais difícil obter êxito. Ainda, quando se possui um lar-substituto, por vezes, a psicoterapia não será necessária. (Winnicott, 1984).

MÉTODO

Delineamento

O presente estudo utilizou delineamento bibliográfico qualitativo do tipo exploratório e interpretativo. Conforme Gil (2002), tais pesquisas tem “como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições.” (p.41). Possui ainda, como propósito, buscar conhecer melhor o problema, elaborando suposições ou evidenciando-os, dispõem também de um planejamento flexível possibilitando um amplo espectro de viabilidades para o aspecto estudado.

Laville e Dionne (1999) apresentam que a pesquisa qualitativa possibilita a análise de conteúdo, bem como o entendimento e sentido dos sujeitos acerca de um tema em específico.

Gil (2002) destaca que a pesquisa exploratória busca proporcionar maior familiaridade com o problema, construindo hipóteses e tornando-o mais explícito. O levantamento bibliográfico, análise de exemplos que estimulem a compreensão e entrevistas com pessoas que tiveram experiências com o problema pesquisado, são itens que envolvem a grande maioria dessas pesquisas. Elas também podem ser classificadas como bibliográfica e estudo de caso.

Gil (2002) considera a pesquisa interpretativa a última etapa do processo. Dessa forma, realizou-se uma associação entre o que é afirmado pela literatura, com o problema proposto no trabalho.

Fontes

A fonte utilizada para este trabalho foi um artefato cultural, sendo este o filme “O contador de histórias” (2009), do diretor Luiz Villaça. O filme conta a história de Roberto Carlos Ramos, menino escolhido por sua mãe, dentre os 09 (nove) irmãos, para ser interno na FEBEM e, segundo ela, se formar doutor. Após ser interno, Roberto passa por dificuldades no

relacionamento com seus pares dentro da instituição. A imagem idealizada da FEBEM aos poucos vai dando lugar a realidade do local. As agressões e punições são frequentes para quem não cumprisse as regras determinadas. Roberto, com intuito de enturmar-se, passa a desenvolver comportamentos que antes não possuía. O menino, realiza diversas fugas, sendo recapturado posteriormente. Em uma dessas recapturas, conhece uma pedagoga francesa que o acolhe e lhe oportuniza um reinvestimento nas relações de afeto. Após um período junto à pedagoga, é convidado a mudar-se para a França. Algum tempo mais tarde, retorna ao Brasil e vai ao encontro de sua mãe, conta-lhe o que passara até aquele momento e lhe diz que irá ser professor.

Instrumentos

Os dados para análise foram coletados a partir de recortes de cenas escolhidas do filme, as quais retratam a importância do vínculo, bem como a importância da “mãe substituta” para a formação psíquica do indivíduo. Para a organização das informações, foi elaborada uma tabela com as descrições das cenas servindo, assim, de objeto de análise e discussão. Tais recortes tiveram como objetivo um entendimento acerca do tema abordado neste trabalho, vinculando com o conteúdo apresentado nas cenas, para facilitar o entendimento do leitor sobre a teoria escolhida para a abordagem.

Procedimentos

Para o embasamento teórico, foram consultados livros disponíveis na Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul (BICE), bem como utilizado como base de pesquisa a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, BVS Psicologia do Brasil, *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Portal de Periódicos do CAPES. Os descritores que serviram como base para as pesquisas foram: subjetivação, acolhimento, vínculos, mãe substituta, abrigos institucionais e de-privação.

De posse do artefato cultural “O contador de história”, foi visualizado o filme e selecionado cenas que melhor adéquam aos objetivos propostos neste trabalho. Em seguida foi realizada uma tabela com as cenas escolhidas, facilitando assim, a disposição dos dados.

Posteriormente, foi realizada uma categorização, agrupando as cenas com cenas semelhantes e realizada uma análise de conteúdo proposta por Laville e Dionne (1999). Essas informações são apresentadas na tabela deste estudo.

Referencial de Análise

O referencial de análise utilizado foi o de análise de conteúdo de Laville e Dionne (1999). Conforme os autores, tal processo consiste em etapas as quais tem o seu início na coleta de dados das fontes e organização destas, em seguida realizou-se um apanhado de seu conteúdo, extraindo sua significação através de um desmonte de sua estrutura e elementos, oportunizando, dessa forma, a análise de conteúdo. Por conseguinte, realizou-se um agrupamento das categorias de modelo aberto, a qual Laville e Dionne (1999) afirmam que “as categorias não são fixas no início, mas tomam forma no curso da própria análise”(p. 219).

Por fim, discutiu-se estas categorias, utilizando como técnica a de emparelhamento, associando os dados coletados com a concepção teórica, comparando-as. As categorias foram definidas *a posteriori*.

RESULTADOS

Tabela

Categoria e subcategoria de análise e recortes do artefato cultural

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	RECORTE DO ARTEFATO
A. Contextualiza- ção	A.1) Visão da instituição	A.1.1) Margherit está no escritório da Psicóloga (Pérola) na FEBEM conversando sobre a possibilidade de retornar a França. Pérola então fala a Margherit que espera que Roberto tenha ajudado na pesquisa. Margherit responde que ajudou muito e que inclusive ela ajudou também. Pérola então diz que vai ser difícil para Roberto. Margherit responde que vai, mas Roberto não é mais o mesmo que conheceu na FEBEM de cabeça baixa. A conversa segue: Pérola: “O Roberto teve sorte.” Margherit: “Não foi só sorte. Foi trabalho. Eu sabia que um menino de 13 anos não pode ser considerado irrecuperável.” P.: “Seu trabalho minha amiga, foi fazer o papel de mãe.” (alguns segundos em silêncio com Margherit olhando para Pérola) “Você levou o menino para casa, deu (pausa) roupa, comida, carinho.” Neste momento esboça um sorriso aparentando ironia e segue falando. “Eu ia adorar cuidar de cada criança como se ela fosse (pausa) única. Mas não dá. O que se faz aqui é política pública. Isso aqui é uma guerra.” Responde aparentando indignação. M.: “Uma guerra que vocês estão perdendo.” P.: “Ela já começou perdida. Quando uma mãe chega aqui e entrega o filho. É por que ela já perdeu a guerra para a pobreza. Ela espera que a gente faça milagre. A gente até tenta, mas milagre é uma coisa que só acontece de vez em quando.” Ficam em silêncio e Pérola olha para baixo enquanto Margherit a olha. Neste instante Margherit também olha para baixo aparentando refletir sobre o que Pérola lhe fala e lhe oferece um cigarro. Pérola com a mão no queixo suspira e aceita o cigarro. A cena prossegue, em torno de um minuto de silêncio, com Pérola e Margherit fumando e parecendo refletir sobre a conversa.
B. De-	B.1)	B.1.2) A cena passa na casa de Margherit, com ela e

privação nas Relações de Afeto Investimento Roberto tomando café. Margherit começa a explicar como se fala em francês alguns objetos, até que Roberto aponta para o gravador e ela fala como se chama em francês. Em seguida propõe a Roberto que, se ele contar sua história para o gravador, ele poderá ficar uma semana em sua casa. Roberto então, aceita a proposta, fala da sua vizinhança e que gostava de empinar pipa, em seguida fala de sua mãe, que era lavadeira e deixava as roupas tão brancas que parecia que pendurava nuvens no varal. Morava com ela e com os 9 irmãos, era o menor de todos, o caçula. Sua casa, conta ele, era com teto de zinco, que deixava a casa tão quente, que se entrasse com uma galinha viva, num instante ela saía assada. Conta que o domingo era o dia de frango, mas que um dia, o frango sumiu. Depois sumiu as laranjas que eram as sobremesas, seguida do feijão, o arroz, sobrando apenas a “canjiquinha”. Mesmo sem o frango, o domingo ainda era o dia que gostava, pois era o dia que iam ver televisão na casa de Seu José, que possuía a única televisão na rua.

B.1.3) No momento em que veem televisão na casa de Seu José, passa na TV uma propaganda da FEBEM. A propaganda continua informa que ali, as crianças carentes terão a chance de se tornar “homens do bem” terão a chance de se formar médicos, engenheiros, advogados. Sua mãe, no momento da propaganda, demonstra interesse, em seguida a cena mostra ela arrumando o Roberto Carlos e levando-o para a FEBEM. Roberto então diz que a FEBEM só podia aceitar um dos filhos e por ele ser o caçula, ela o escolheu. Diz estar muito feliz pela escolha, já que é a primeira vez que é escolhido para alguma coisa e seus irmãos ficaram morrendo de inveja. No ônibus pergunta para a mãe o que tem na FEBEM, sua mãe, diz “um monte de coisa boa” porém sem muita empolgação, e com semblante sério, aparentando estar triste.

B1.4) A mãe de Roberto chega com ele na FEBEM. Roberto narra que quando chegaram lá, era bem diferente do que estava pensando e observa os instrutores gritando com as crianças e orientando-as. Em seguida sua mãe aparece sentada no escritório da psicóloga sendo orientada a assinar os documentos. Roberto a aguarda no corredor. A mãe fala para Pérola que precisa assinar “daquele outro jeito”, referindo-se a impressão digital. Roberto pelo vidro da janela do corredor, observa a movimentação das duas dentro da sala. No momento em que Pérola coloca a digital do polegar da mãe de Roberto na estopa e imprime na na folha, ela acena com a cabeça e fala “Vai sê mió pá ele, né?” (SIC). E aguarda uma resposta da psicóloga, que permanece em silêncio. Pérola continua imprimindo as

digitais na documentação, ela olha em direção ao local em que Roberto se encontra e o vê “baforando” no vidro da janela. Em seguida “É meu caçula, sabe. Se Deus quisé vai sê dotô. É que eu vô podê trabaiá mais. Eu tenho outros nove em casa sabe.”(SIC) A psicóloga permanece em silêncio, Ao terminar de conferir os documentos, Pérola lhe diz que é só isso. A mãe de Roberto pergunta se está tudo certo e Pérola a estende a mão dizendo até logo. A mãe de Roberto levanta e vai em direção do lugar onde o filho está, neste instante a psicóloga a para e lhe mostra na outra direção dizendo que “é por aqui” Ela então responde que está indo para aquele lado porque vai dar tchau a Roberto. Pérola responde que é melhor não, que sem despedida é melhor para os dois, e que ela virá dali 15 dias e o verá, e chama a funcionária para acompanhá-la. A mãe de Roberto acena um não com a cabeça e diz que queria se despedir dele, mas é acompanhada até a porta de saída.

B.2)
Rejeição/Não
Confiança

B.2.5) Nesta cena, Margherit pede a Roberto para que conte como ele foi parar na FEBEM. Roberto então mente, dizendo que uma vez, eles estavam sem dinheiro, então tiveram a idéia de assaltar um banco, pegaram uma Kombi, pararam em frente ao banco, entraram e renderam os funcionários e clientes. Neste momento aparece a polícia, sua mãe e os irmãos entraram todos dentro da Kombi e ele ficou. Roberto sai do banco com as mãos para cima e sua mãe grita que tudo bem, pois ele é de menor, será levado para a FEBEM e lá terá casa, comida e escola e vai virar doutor. Os policiais o cercam e a cena acaba com ele dizendo que foi parar na FEBEM. Margherit olha para Roberto apresentando uma expressão de espanto. Roberto então aperta o botão de desligar o gravador, em seguida o botão “reviw”, deixa a gravação rodando, levanta, diz que já vai, e sai de cabeça baixa.

B.2.6) Depois de fugir mais uma vez da FEBEM, Roberto é encontrado por Margherit tomando banho em um Chafariz no centro de Belo Horizonte, ela o convida para ir à sua casa. Roberto olha para seus amigos e resolve ir com intuito de roubar o que Margherit possui em casa. Chegando na casa, Margherit prepara um café com vários alimentos. Margherit pergunta de sua mãe, Roberto apenas come, e narra que nunca havia visto tanta comida antes e que ela fazia tantas perguntas que não o deixava comer direito, então resolveu testar a paciência dela. Então arrota em sua frente, Margherit mantém a calma e o deseja saúde, solta gazes e Margherit acende um isqueiro. Roberto então narra que a paciência de Margherit era irritante, e resolve apelar. Fala que a comida é muito ruim, que prefere comer

areia, Margherit então diz a ele que, se não gostou, pode comer outra coisa. Roberto levanta da mesa e diz que vai começar fazer o trabalho, pega um par de pássaros de porcelana, olha, e solta novamente, pega um sino, olha e solta. Margherit informa que a casa é de uma amiga, e que tem um monte de coisa linda que ela adora. Roberto vai para o outro lado, pega uma uva de porcelana, olha e solta novamente. Tira a tampa de uma maçã de decoração, a tampa novamente, abre o armário, olha o que tem dentro e Margherit fala que acha legal a maçã e que dentro do armário acredita que estão os copos. Roberto então se desloca ao encontro de Margherit, pega o gravador de suas mãos. Margherit pergunta o que está fazendo, ele somente responde que “nada ué”(SIC), e sai em direção a porta, Margherit vai atrás gritando para que devolva o gravador, Roberto então pergunta “Que gravador?” e tenta sacar o gravador de suas mãos. Roberto então a empurra, Margherit cai juntamente com o gravador próximo a uma escada que dá acesso aos quartos no segundo andar da casa. Roberto grita com Margherit, dizendo que fique quieta onde está, toma a bolsa de suas mãos, Margherit tenta recuperar, Roberto profere uns tapas em seu braço e novamente toma a bolsa de suas mãos, vira o conteúdo no chão, encontra a carteira e retira o dinheiro de dentro, chuta o gravador e sai correndo para a rua. Margherit então se debruça por sobre o gravador apresentando estar brava pela situação.

B.2.7) No momento em que conta para Margherit como foi parar na FEBEM, Roberto lhe informa que, ao completar sete anos, é transferido de setor, e que, para fazer parte da turma, teria que parecer durão, então começa a falar palavrões juntamente com um colega. Em seguida, aparece sentado ao lado de sua mãe, que conta que seu irmão se machucou jogando bola, e lhe pergunta se ele tem muitos amigos na FEBEM, em seguida o abraça. Roberto então rejeita o abraço da mãe, retirando o braço de seu ombro e se afastando, ficando em pé ao lado do banco e apenas observa o jogo de futebol. Sua mãe aparenta tristeza pelo comportamento do filho e se aproxima novamente. Roberto observa outras famílias com seus filhos. Sua mãe então explica que no mês passado não pode visitá-lo devido ao valor alto das passagens. Roberto demonstra indiferença com a mãe. Sua mãe pega em sua mão, Roberto puxa a mão para si e dá dois passos à frente, se afastando novamente, ficando observando o jogo de futebol. Sua mãe aparenta certo incômodo com a rejeição e lhe pergunta se Roberto ficou com saudades dela. Roberto permanece calado, sua mão franze a testa mostrando estar triste novamente com a rejeição. Numa nova tentativa de

aproximação, toca em sua barriga sorrindo e diz que Roberto está mais gordinho, novamente Roberto tira mão de sua mãe do corpo e grita com seus colegas “Chuta essa bola porra” os meninos fazem um gol e comemoram, Roberto então pronuncia o palavrão que descobre com seu amigo “Putá que la merda” Sua mãe demonstra surpresa com a atitude do filho.

B.3)
Decepção/
Desilusão:

B.3.8) A mãe de Roberto ao ver a propaganda da FEBEM na TV de seu José, resolve levar Roberto para a instituição com o sonho de ver seu filho doutor. Chegando lá é explicado como funciona e levam ela assinar os documentos, ela, por sua vez, não é alfabetizada. Assina os documentos com as digitais. A psicóloga da instituição então, lhe orienta que “está tudo certo”. A mãe de Roberto solicita que lhe deixem despedir do filho, mas a psicóloga lhe informa que não, que é melhor sair sem despedidas, que é melhor para os dois, que vê isso todos os dias, e que no dia da visita, dali a 20 dias, ela vem e conversa com ele. A mãe de Roberto aparenta estar angustiada em sair e deixá-lo sem se despedir. A psicóloga então chama outra funcionária para que a acompanhe até a saída. Roberto então narra que quando viu sua mãe indo embora, pensa que ela está esquecendo dele, começa a bater no vidro e chamá-la. A funcionária então põe a mão nas costas dela e acompanha até a saída. A mãe ainda vai olhando para trás de vez em quando. Hesita por um momento em sair, mas sai correndo até a saída. Roberto então acompanha os movimentos de sua mãe correndo pelo corredor do lado oposto de onde sua mãe está. Sua mãe lhe observa do outro lado pelas janelas de vidro. Neste momento Roberto sobe em um banco e bate nas janelas chamando por ela, um funcionário e a psicóloga chegam até ele. O funcionário diz para ficar calmo e a psicóloga o convida para conhecer os outros meninos. Roberto então responde que não quer, que quer ir embora pra casa, ela responde que “sua casa agora é aqui.”

B.3.9) Na noite que foi deixado na FEBEM, Roberto narra que ficou morrendo de saudades da mãe e dos irmãos e fez a única coisa que poderia fazer, chorar. Neste instante um funcionário entra no alojamento e pergunta quem está “miando”. Um colega de quarto bate em seu ombro e faz sinal com o dedo em riste na frente da boca para que Roberto fique em silêncio. Roberto então diz que nem chorar ele podia.

B.3.10) A mãe de Roberto visita ele pela primeira vez na FEBEM. Os dois estão sentados em um banco de concreto

no pátio da instituição, Roberto está com a cabeça baixa ao lado de sua mãe e lhe diz que quer ir pra casa. Sua mãe diz que ele vai se acostumar, Roberto balança a cabeça de um lado para outro em sinal de negativa para o que a mãe lhe diz. Sua mãe continua questionando se lá ele não tem uma cama só para ele, se lá ele não tem escola, comida, e que lá é bom. Roberto continua respondendo que não com a cabeça. Ainda com a cabeça baixa Roberto pergunta para ela se ela não o quer mais. Sua mãe demonstra ficar triste com a pergunta, olha para ele e lhe responde “Se você perguntar isso de novo, eu te dou uma surra.” A cena passa em câmera lenta e muda para outra cena.

B.3.11) Em uma conversa com Margherit na casa dela, Roberto sugere que no outro dia faça *Coq au vin* (comida francesa. Frango cozido no vinho). Margherit responde que não poderá, pois no outro dia irá conversar com o cônsul Francês sobre sua permanência no Brasil. Roberto pergunta se ela vai retornar, ela responde que um dia terá que retornar, pois a casa dela é lá. Roberto questiona sobre a pesquisa, Margherit responde que já acabou. Roberto fica olhando para ela aparentando surpresa de sua decisão. Margherit então conversa com a funcionária da FEBEM, sobre seu retorno para a França. Roberto fica na casa de Margherit, sentado em um canto no banheiro, ofegante, aparentando estar irritado com ela, por estar sendo abandonado depois do término da pesquisa. Roberto tira a toalha do varal, tapa o ralo da banheira e liga o registro. Pega uma toalha de rosto, tapa o ralo da pia e liga a torneira. Pega todas as fitas que foram gravadas e joga dentro da banheira cheio de água. Pega o gravador, levanta com as duas mãos acima da cabeça, grita com raiva e toca com força dentro da banheira. Em seguida senta-se na cama de cabeça baixa, aparentando estar pensativo. A água da pia começa a escorrer para fora, a banheira também transborda a água, que começa a sair pela porta, descendo pelas escadas, alagando a casa. Roberto permanece na cama, sentado, cabisbaixo, olhando para o resultado de sua ação. Então narra que ela iria odiá-lo, mas que era isso mesmo que queria, que ela sentisse por ele a mesma coisa que ele estava sentindo por ela

C.
Investimento
nas relações
de Afeto

C.1) Sente-se
Valorizado

C.1.12) Roberto está na casa de Margherit junto com ela, a qual lhe orienta a andar com um livro na cabeça. Roberto diz que “vai cair dona”. Margherit pede para que não a chame de dona, pois não é dona de ninguém. Roberta pergunta como então, Margherit responde que “madame”, Roberto retoma a fala dizendo que “vai cair madame”. Margherit então lhe diz que não, que um passo de cada vez,

bem devagar. Roberto narra que na FEBEM eles tinham que sempre andar de cabeça baixa, e aí ela inventou de andar com um livro na cabeça. Margherit pede para Roberto olhar no olho dela, Roberto assim o faz. Margherit orienta, 36 cabeça reta, mãos para baixo e solicita que siga em direção a ela. Roberto segue o que lhe é orientado, e insiste em dizer que o livro irá cair, ao dar mais um passo o livro cai de sua cabeça, ele lhe diz que tinha avisado. Margherit diz que não faz mal. Roberto agacha perto do livro e fica observando as figuras, Margherit diz que o nome do livro é 20 Mil léguas submarinas, e explica que o mesmo passa viajando embaixo do mar. Roberto pergunta se o mar é fundo, Margherit questiona se ele não conhece o mar, Roberto responde que não, então Margherit começa a ler um pedaço do livro para Roberto. O menino narra que o livro o levou para outro mundo, parecendo que ele tinha cheirado tiner.

C.1.13) Margherit está sentada ao lado de Roberto, o qual começa a ler o livro com dificuldades. Margherit o orienta da forma correta. Em seguida, aparecem os dois sentados a mesa e Roberto lendo com mais facilidades, Margherit segura o microfone do gravador em sua frente. Por fim aparecem os dois sentados no chão em frente a uma mesa de centro na sala e Roberto lendo com mais facilidade ainda, Margherit está lhe observando e fumando um cigarro, dessa vez, nesta cena, não intervém na leitura do Roberto. Roberto acaba de ler o livro e Margherit bate palmas para Roberto, ele olha para ela aparentando estar feliz e lhe diz que conseguiu. Margherit responde que “muito bem”.

C.1.14) Margherit leva Roberto para ver um jogo de futebol no estádio. Ao deparar com os policiais fazendo revista nas catracas do estádio, Roberto fica parado com uma cara séria e aparentando surpresa, Margherit caminha mais um pouco a sua frente, para, vira-se para ele. Roberto dá um passo para trás, Margherit o chama para entrar, Roberto acena com a cabeça em direção aos policiais, informando da presença deles ali. Margherit pergunta-lhe qual o problema, Roberto responde que eles não vão deixá-lo entrar. Margherit pergunta “o quê” pega-o pelo braço e leva em direção aos policiais. Roberto hesita e diz que não. Ao chegar em frente aos policiais, um deles pede para que Roberto levante as mãos para a revista, Roberto acata a solicitação do policial, é feito a revista e o deixam entrar. Margherit então diz para ele “viu?” afirmando para que ele confiasse nela. Roberto responde que não aconteceu nada por que “a madame estava aqui.” Margherit o olha, segura o pelo braço e o leva para o banheiro masculino. Lá

estando o coloca na frente do espelho, faz com que ele olhe para a sua imagem e pergunta por que alguém o prenderia, pede para olhar para ele e questiona “Você não acha que sua vida mudou, que você mudou?” Roberto responde que continua preto. Margherit responde “ E daí? Quem me dera eu ter a sua cor. Deus coloriu o mundo todo mas esqueceu de coloriu nós, que somos tão 38 brancos. Eu sou tão branca que não posso pegar um raio de sol que fico “rouge” como um camarão” e sorri para ele, Roberto sorri de volta. Margherit levanta pede desculpa para os homens que estavam no banheiro, pois havia entrado no banheiro masculino, e saem. Roberto então vai em direção aos policiais novamente para ser revistado, os policiais o revistam e deixam o passar. Roberto sorri e se direciona para outro policial, que repete a revista e o deixa passar. Roberto olha para Margherit com uma expressão de surpresa e alívio ao mesmo tempo e seguem para dentro do estádio.

C.1.15) Depois de conversar com a funcionária da FEBEM sobre seu retorno para França, Margherit chega em casa e se depara com a casa alagada. Corre escada acima chamando por Roberto, entra no banheiro e vê seu gravador e suas fitas dentro da banheira, parece estar espantada com a cena, desliga a torneira da pia e retira a toalha do ralo, em seguida corre para a banheira e desliga o chuveiro, olha para o chão molhado, sai do banheiro chamando por Roberto e o encontra sentado na cama de cabeça baixa. Antes de entrar no quarto pergunta a ele se está bem, Roberto responde apenas que “to”, e permanece sentado, calado olhando para o chão. Margherit se aproxima, senta ao lado dele na cama e pede para Roberto olhar para ela. Roberto responde que não está afim de olhar. Margherit pega em seu queixo e gira sua cara em direção a ela e diz para Roberto olhar nos olhos dela. Roberto a olha. Margherit então pergunta sobre a água, se esqueceu a torneira aberta. Roberto responde que não, que fez de propósito e fecha os olhos. Roberta narra então que fechou os olhos esperando o tapa, mas o tapa não veio. Margherit questiona o motivo de ter deixado as torneiras abertas, Roberto responde que o motivo é pelo fato de Margherit ir para a França e o deixá-lo. Margherit com lágrimas nos olhos responde a Roberto que irá para a França, mas que Roberto vai junto com ela. Roberto então a olha, surpreso. Margherit pergunta o que precisa fazer para que ele acredite que o ama. Neste momento passa a palma de sua mão no rosto de Roberto em forma de carinho. Roberto então a abraça e suspira aparentando estar aliviado pela resposta. Roberto então narra que Margherit o fez enxugar a casa toda, mas que nem ligou e que foi o

melhor castigo que já recebeu.

C.2) Início de respeito por Margheritt

C.2.16) Na FEBEM Roberto conhece Cabelinho de Fogo, um menino que ele admira e tenta entrar para seu grupo. Cabelinho de Fogo aparece na casa onde Roberto está. Entra na casa e diz ser amigo de Roberto. Margherit pergunta se Cabelinho de Fogo é mesmo amigo de Roberto e por que ele não havia falado dele antes, Roberto responde que esqueceu. Cabelinho de Fogo no quarto de Margherit encosta Roberto na Parede e pede se ele acredita que ela o adotara e se Roberto irá ficar branco, em seguida vai em direção ao gravador, liga e ouve a gravação de Roberto. Roberto tenta retirar o gravador de Cabelinho de Fogo que levanta acima de sua cabeça e empurra Roberto para trás. Quando Roberto solicita o gravador, Cabelinho de Fogo diz que é aquilo que irá levar. Empurra Roberto que cai em frente ao roupeiro e sai correndo. Roberto corre atrás de Cabelinho de Fogo na tentativa de recuperar o gravador. Encontra Cabelinho de Fogo e entram em luta. Cabelinho derruba Roberto no chão que agarra o gravador e não entrega para o menino. Cabelinho de Fogo começa a chutar Roberto caído no chão e diz para ele ficar então com o gravador e sai. Margherit está sentada demonstrando preocupação fumando cigarro na sala quando Roberto entra com o gravador em mãos. Margherit levanta e vai ao encontro de Roberto, que olhando em seus olhos lhe devolve o gravador. Margherit pega nas mãos o gravador, toca no rosto de Roberto, e pergunta se ele brigou. Diz com rigidez que nunca mais é para ele fazer isso e o manda ir tomar banho. Roberto a obedece e sai em direção ao banheiro, Margherit fecha a porta e grita mais uma vez para que ele vá logo para o banho.

C.2.17) Margherit diz que tem uma surpresa para Roberto e vão viajar de ônibus. Roberto questiona se estão chegando, Margherit diz que sim, mas que irá fazê-lo sofrer mais um pouco, coloca uma venda em seus olhos, o leva para a praia e pede para que respire fundo e diga que cheiro está sentindo. Roberto responde que cheiro de peixe podre, Margherit então sorri, diz que não foi poético, mas que chegou bem perto, retira a venda de Roberto em frente ao mar. Roberto olha admirado para o mar e pede se pode ir até o mar caminhando em direção a água. Margherit diz que não pode, neste momento Roberto olha para ela e para. Ela continua falando que era apenas para dar uma olhada e que irão voltar para casa. Roberto expressa uma decepção, mas no mesmo momento Margherit diz que é brincadeira e diz para Roberto ir logo, ele então sorri e sai correndo para

o mar.

C.3) Resgate do Objeto Bom C.3.18) Como prometido, Margherit leva Roberto para França, passa-se alguns anos, e Roberto conversa com Margherit em meio algumas videiras na França. Os dois conversam sobre o retorno de Roberto para o Brasil. Roberto questiona se Margherit não irá com ele. Margherit diz que não pode. Roberto fala que não quer ir sozinho, recebe um presente de Margherit que promete só abrir no Brasil. Margherit beija sua testa. Já no Brasil vai ao encontro de sua mãe. Ao entrar em uma rua de chão, olha para o alto e vê sua casa e sua mãe. Continua caminhando e observa por um instante parado sua mãe lavando roupa em um tanque. Se aproxima lentamente, fica calado olhando para a mãe, sua mãe olha para Roberto com aparentando espanto em reencontrá-lo. Roberto narra que já fazia 12 anos que tinha saído de casa, mas sua mãe o reconheceu na hora. Sua mãe então lhe diz que, os meninos só saem da FEBEM doutor, e questiona o que ele virou. Roberto responde sorrindo que irá ser professor. Sua mãe vai em direção a ele e diz “Graças a Deus. Deu tudo certo fio.” E o abraça chorando. Roberto hesita por um instante em devolver o abraço, mas consegue abraçá-la. Sua mãe continua chorando de alegria abraçada nele. O convida para entrar e pede tudo o que aconteceu, Roberto então diz contar a história para ela.

DISCUSSÃO

Para a discussão das categorias, iniciar-se-á com o entendimento acerca da importância das instituições de acolhimento e, posteriormente, as relações entre a mãe do personagem Roberto e o próprio através de suas lembranças da infância no seio familiar, bem como o sentimento de segurança que Roberto relata no decorrer do filme, também a intenção de sua mãe de ver o filho bem. Cabe destacar que o artefato utilizado neste trabalho, mostrou a relação da criança com um cuidador informal. Este, representado na figura de Margherit, Pedagoga francesa que o acolhe em sua casa para a realização de uma pesquisa e o leva junto para a França. Como observado no decorrer da revisão da literatura, o objetivo foi apresentar ao leitor a importância das relações de afeto entre cuidador de abrigos institucionais e as crianças que ali estão inseridas. No entanto, não foi possível encontrar um artefato que retratasse o propósito buscado. Diante disso, optou-se por utilizar o filme “O contador de histórias” como base, realizando um paralelo entre o que se espera dos cuidadores dentro de um abrigo institucional com o manejo de Margherit no filme.

Ao institucionalizar uma criança, pretende-se, com isso, prover as necessidades básicas, com alimentação, educação, vestuário e lazer. No entanto, ao reavaliar tal procedimento, deve-se analisar o contexto de onde aquela criança é proveniente, dessa forma será possível entender o desenvolvimento emocional do indivíduo, se possuía um ambiente favorável para seu amadurecimento psíquico. Ainda, é necessário observar o comportamento da criança no momento do acolhimento, se apresenta ânimo deprimido, pode ser um sinal favorável, se apresenta comportamentos antissociais, poderá haver sentimentos de esperanças por parte da criança. Porém, para que esse desenvolvimento desejável seja realizado, há a necessidade de cuidadores aptos para desempenhar o papel que antes era desempenhado pela mãe. É verdade também que, além das crianças já mencionadas, outras ainda podem ter sido privadas de um ambiente facilitador no começo de suas vidas, logo, a instituição será o primeiro ambiente que elas encontrarão. Este, sendo apropriado, norteará a criança. (Winnicott, 1982).

Pode-se observar na cena A.1, durante a conversa da psicóloga da FEBEM com Margherit, a visão do que é a instituição para ela. Pérola retrata uma imagem diferente do que era proposto *a priori*, destacando que, Margherit realizou uma tarefa que seria da instituição,

dando ênfase ao carinho que a pedagoga direcionou a Roberto. Quando destitui-se da criança algum aspecto essencial da sua vida, diz-se que a criança torna-se de-privada. Dessa forma, começa a se manifestar algum comportamento antissocial. Esse comportamento é estimulado por impulsos inconscientes, caracterizando a obrigação do ambiente tornar-se importante. Assim, a esperança é a característica central da criança de-privada, não sendo a criança antissocial todo tempo. Logo, o manejo se torna o tratamento da tendência antissocial, indo ao encontro do momento de esperança e correspondendo-o. (Winnicott, 2000)

Quando há a de-privação, houve uma perda de algo bom, ou seja, algum elemento positivo na experiência da criança foi retirado. Para restituir o vazio desse objeto, tipicamente apresenta-se duas características da tendência anti-social: o roubo e a destrutividade. No entanto, caso lhe seja oferecido condições favoráveis, se uma pessoa passa a amá-lo, os objetos substitutos da falta perdem seu valor simbólico, possibilitando à criança uma vida real (Winnicott, 2000).

No processo de de-privação, entende-se que as coisas ocorriam bem, até que alguma coisa perturbou essa situação, exige-se, assim, da criança algo além de suas capacidades e as defesas do ego desmoronam. Em seguida, há uma reorganização baseada em um novo modelo do ego, a criança passa a ter esperança, estruturando atos antissociais, esperando da sociedade um retrocesso junto a ela até momento em que as coisas deram erradas e reconhecer esses fatos. Feito isso, ela poderá redescobrir o objeto bom e o ambiente controlador que a tornou capaz de experimentar impulsos, incluindo os destrutivos. (Winnicott, 1984).

Pode-se identificar na categoria denominada “De-privação”, que Roberto passa pelo processo de perda de uma experiência boa. Na relação com a mãe, tal experiência é expressa nas cenas B.1.2, B.1.3 e B.2.4. Quando Roberto aceita contar à Margheritt sua história, ele evoca lembranças boas da vizinhança e de sua casa, descreve como era a relação com seus irmãos e de como gostava de soltar pipa. Apesar da dificuldade que passaram com a escassez de alimento, o personagem descreve que “o domingo ainda era o dia que gostava”(SIC), pois se juntavam na casa de Seu José para ver televisão. Além disso, mais adiante, na cena B.1.3, sua mãe o escolhe para ser internado na FEBEM, com intuito de desejar-lhe uma graduação, já que, como proposto pela propaganda da instituição, no local iria ser possível para Roberto tornar-se advogado, médico ou engenheiro. Observa-se, também, mais adiante, quando a mãe conversa com a psicóloga da instituição sobre o desejo de tê-lo em um local que lhe propicie alimentação, escola e cama, desejando o melhor para o filho. No entanto, como proposto por

Winnicott (2000), este ambiente aos poucos vai se perdendo, fazendo-o sentir-se rejeitado, já que por orientação da psicóloga sua mãe não se despede, bem como passa a visitá-lo com menos frequência devido ao valor alto da passagem de ônibus, chegando ao ponto de decepcionar-se com a mesma, tendo a percepção de ter sido abandonado em um ambiente hostil. Porém, ao conhecer a pedagoga francesa, recupera um investimento de afeto que outrora havia perdido, restabelecendo uma relação de confiança, passando a respeitá-la e defendendo-a dos delitos investidos por cabelinho de fogo, outro interno que fugiu da FEBEM. Por fim, com o reinvestimento das relações de afeto, Roberto forma-se professor e retorna à casa de sua mãe para contar sua história e, posteriormente, leciona como estagiário na instituição de acolhimento.

Ao falar da de-privação, não se pode deixar de mencionar os investimentos iniciais nas relações de afeto. O indivíduo, ao nascer, já possui em sua carga genética um potencial herdado. Este potencial Winnicott denomina de “*self* central” ou “*self* verdadeiro”. O *self* verdadeiro só será desenvolvido a partir de um cuidado materno satisfatório e é a partir daí que a criança é capaz de ter uma existência pessoal. Esta capacidade propiciará à criança uma continuidade do ser, desenvolvido gradualmente.

O cuidado materno primário é possível pela identificação da mãe com o bebê. Esta identificação acontece pelo fato de a mãe já ter sido bebê um dia. Tal processo propiciará a ela atingir uma percepção muito sensível das necessidades do bebê. Porém, gradualmente, perderá importância algum tempo depois do parto. Ao final desta etapa, o bebê se percebe separado da mãe. Agora o lactente terá que transmitir sinais para a mãe de suas necessidades através do choro, agitação com pernas e braço. A mãe entenderá estes sinais e o suprirá, satisfazendo a dependência absoluta da criança. Como consequência, o fato de serem desejados pela mãe, possibilita a criança se tornar um indivíduo. (Winnicott, 1999).

Durante o filme, não é possível afirmar que, quando bebê, Roberto recebeu atenção e suprimento necessários de sua mãe, já que esta etapa de sua vida não é apresentada. No entanto, pode-se inferir, mesmo com um grau de incerteza, que o menino recebeu tais cuidados, visto apresentar lembranças boas de seu núcleo familiar. Ainda, é possível identificar em sua fala a confirmação deste ambiente saudável, não só em sua casa, mas na vizinhança, no momento relatado na cena “B.1.2” que, apesar da comida estar escassa, ainda assim o domingo era o dia preferido. Mais adiante, na cena “B.1.3.”, Roberto menciona estar feliz com a sua escolha para ser internado na FEBEM, já que é a primeira vez que é escolhido,

dentre os 09 (nove) irmãos, para alguma coisa. Há de se observar que, apesar da mãe estar inserindo o filho em uma instituição de acolhimento, tal atitude representa, para ela, melhor forma de propiciar ao filho um futuro diferente do que ele teria na comunidade em que viviam. Ao declarar para a psicóloga da instituição, na cena “B.1.4”, o desejo de ver o filho doutor, no momento em que termina de assinar os papéis, expressa um desejo de despedir-se de seu filho, porém, tal atitude é negada pela funcionária.

Em todas as cenas descritas, pode-se perceber no semblante da mãe, a preocupação em deixá-lo em uma instituição longe de seus cuidados. É possível perceber, também, que, durante o momento em que vê a propaganda na televisão a respeito da FEBEM, expressa em seu rosto uma imagem de esperança sobre o futuro de seu filho, distinta da situação vivida por todos em seu lar, já que aos poucos a comida foi se extinguindo. Pode-se pensar que, ao se deparar com tal local, a mãe pensa em propiciar a Roberto a continuidade de seus cuidados para com o filho, já que, na cena “B.3.10” ela questiona se Roberto não possui uma cama só para ele, comida e escola.

A tendência antissocial pode se manifestar na criança como resultado de uma deprivação, a partir de comportamentos incômodos para o ambiente, como mentira, roubo e destrutividade. Um dos motivos disso ocorrer está relacionado a uma ruptura na experiência de “continuar sendo”, logo, a ausência da mãe, que como consequência ocasionou tal ruptura, faz com que a criança passe a não confiar nos cuidados que recebe, assim, tenta cuidar-se por si só. A decepção pela perda dos cuidados fará a criança a viver numa aflição intolerável, podendo torná-la sem esperança e submissa, perdendo ainda a capacidade de acreditar e a fé na confiabilidade do ambiente. Dessa forma, sente que foi “roubada”, decepcionando-se com o ambiente e cobrando ônus. (Gomes, 2008).

Como descrito anteriormente, no processo de de-privação, ocorre a perda de algo bom. Isso pode levar a criança a desenvolver comportamentos antissociais, como a mentira e o roubo. O roubo de um objeto, por sua vez, não representa o objeto em si para a criança, mas sim uma mãe que, segundo ela, possui o direito de apropriação, uma vez que a criança inventou uma mãe, concebeu-a e criou essa figura. (Winnicott, 1984).

Os comportamentos antissociais são apresentados nos recortes B.2.5, B.2.6 e B.2.7. Na primeira cena, Roberto tem o primeiro contato com Margheritt dentro da instituição, mentindo o motivo de sua estada na FEBEM por motivo de roubarem um banco e, na saída, sua mãe lhe

diz que, lá será melhor para ele; na segunda, Roberto chega a mencionar que aceita o convite da pedagoga somente com o objetivo de furtar alguma coisa de seu interesse, e na última através de palavrões proferidos diante sua mãe em um jogo de futebol.

A agressividade é um sintoma do medo, porém, ela pode ser desviada escondida, disfarçada e atribuída a fatores externos. Para a criança, a agressividade destrói “magicamente”, porém, com o tempo, descobre que essa mágica falha, logo, os ataques passam a ser verbais. Ainda, a agressão é uma reação, direta ou indiretamente à frustração. (Winnicott, 1984). Na cena B.2.7, Roberto apresenta a agressividade em forma de palavras proferidas aos seus colegas na instituição. Como apresentado, tal comportamento seria uma resposta a uma frustração resultante do abandono de sua mãe na FEBEM sem uma despedida, visto também na cena B.3.8. Pode-se dizer, também, que tal frustração é reforçada pela baixa frequência de visitas de sua mãe, ausência melhor explicada pela alta das passagens do ônibus. Em relação à agressividade das crianças, Winnicott (1984) descreve que “ observamos que elas tendem a amar aquilo que machucam.” (p. 101). Dessa forma, como visto na cena, Roberto agride sua mãe, evitando seu toque e demonstração de afeto por ele.

Para a cena B.2.5, quando mente para a pedagoga sobre o motivo de sua estada na FEBEM, Roberto afirma o que Winnicott (2000) propõe como a manifestação da tendência antissocial, a mentira. Ainda, de acordo com Maia (2003), não é a criação de um mundo que torna a vida oportuna de se viver, tampouco criação de um espaço potencial, mas sim uma forma de defesa. Winnicott (1982) descreve que, com frequência, a criança subtrai moedas da bolsa da mãe, e isso faz parte da exploração infantil e, com o tempo, esse comportamento irá desaparecendo. No entanto, há pais que, com medo de seu filho tornar-se um ladrão ou ladra, irão até o fundo com o propósito de investigar os motivos de tais atos ilícitos por parte das crianças, aumentando as dificuldades da criança, resultando, assim, em consequências de fazê-las sentir-se culpadas e mal compreendidas e, para evitar este sentimento, a criança passará a mentir. Pode-se então, que Roberto utiliza da mentira quando indagado por Margherit, no intuito de evitar um sentimento de desprazer ao lembrar o real motivo de estar na FEBEM, já que para ele houve a perda de um objeto bom, frustrando-o.

Outro ponto destacado como a tendência antissocial é o roubo. Pode-se identificar na cena B.2.6, o intuito de Roberto roubar a casa de Margherit e, por esse motivo, aceita o convite. Quando se pratica o delito, Winnicott explica que não necessariamente o que se rouba é o objeto, mas sim a mãe representada por este.

Nas cenas B.3.8, B.3.9, B.3.10 e B.3.11, Roberto passa por um momento de perda. Na primeira, a perda de sua mãe, mesmo que momentânea, já que mais adiante ela o visita na instituição, porém, sai de lá sem despedir-se. Neste momento, cabe destacar que Roberto é destituído de um objeto bom, sem nem ao mesmo dar-lhe a oportunidade de substituí-lo pelo que Winnicott (1982) chamaria de “objeto transicional”. O autor afirma que as “crianças incluídas nas categorias desajustadas ou não tiveram um objeto desse tipo ou perderam” (p. 192). Esta representação simbólica através do objeto transicional é muito importante para a criança, já que ele auxiliará a capacidade da criança em tolerar frustrações e privações.

Numa tentativa de tratar a perda, Winnicott (1982) relaciona esta, com a aflição, o desmame, o luto e a depressão. Quando uma criança sofre uma perda, a doença é resultado de a mesma ter ocorrido em um momento que o ego não está emocionalmente desenvolvido. Dessa forma, o ego lamenta a perda, mas não sente o luto. Assim, para o entendimento da privação e a angústia de separação, faz-se necessário o entendimento da psicologia do luto. No processo do luto, o indivíduo introjeta o objeto da perda, que é submetido ao ódio dentro do ego, de acordo com o momento, este objeto é mais odiado ou mais amado. Com o passar do tempo, o indivíduo começa a libertar-se do ódio, recuperando a capacidade de ser feliz.

Para a criança que não atingiu um estágio de maturação, o ambiente deverá sustentar durante certo período, e o indivíduo deve estar livre da espécie de atitude que torna a tristeza impossível. Dessa forma, compreender o processo do luto, fará com que a pessoa que lida com uma criança privada dos cuidados perceba que o processo de luto está ocorrendo ou que ocorreu. Entre as reações extremas à perda e ao luto, existe as falhas na comunicação. Nesta área que aparecerá os sintomas da tendência antissocial como sinal de esperança. (Winnicott, 1982).

Roberto é deixado por sua mãe e impedido de despedir-se pelos funcionários, apresentado na cena B.3.8. Pode-se pensar que o menino teria passado por um processo de luto. Talvez não estivesse ainda preparado para a perda, outro ponto observado, em nenhum momento foi lhe possibilitado a despedida de sua mãe, ou seja, como proposto por Winnicott, houve uma falha na comunicação sobre o motivo de Roberto estar sendo deixado na instituição. A funcionária mesmo lhe diz que “agora sua casa é aqui.”(SIC), sem muita explicação e o direciona para o alojamento onde, mais tarde, passa a noite chorando, como visto na cena B.3.9, reforçando a ideia de perda de um objeto bom.

Uma reação à perda e, talvez a perda de confiança, observa-se na cena B.3.10, na visita de sua mãe e Roberto passa a esquivar-se dos investimentos de afeto direcionados a ele. Talvez, nesta cena, pode-se perceber que, no imaginário de sua mãe, um ambiente suficientemente bom, envolveria apenas cuidados para o filho, já que ela o questiona se não tem comida, cama e escola. Roberto, então, talvez num último lampejo de esperança em retornar ao seio familiar, lhe pergunta se ela não o ama mais, mas como resposta obtém apenas que “se perguntar isso de novo, eu te dou uma surra” (SIC). Pela passagem da cena, pode-se identificar que Roberto sentiu-se rejeitado com a resposta da mãe, talvez esperasse que a mesma diria que sim, tanto que em outro momento de visita, relatado na cena B.2.7, o menino se afasta da mãe, não dando a atenção necessária.

Com o decorrer do filme, Roberto passa por outro momento de desilusão, retratado na cena B.3.11. Após os reinvestimentos por parte de Margheritt, a mesma, em uma conversa sobre seu retorno à França, não lhe diz que poderá levá-lo junto, apenas que seu período terminou. Roberto sente-se mais uma vez rejeitado, enganado por uma figura que confiou, retomando as suas tendências antissociais, agredindo um objeto que simboliza a figura de amor, ou seja, o gravador e as fitas. Como proposto anteriormente, a criança poderá obter algum objeto que identifique a figura de amor, objeto transicional, e este terá uma representação subjetiva da figura. No filme, talvez este objeto passa a ser o gravador e as fitas que Margheritt utiliza para gravar a história de Roberto Carlos. Pode-se pensar que, ao se decepcionar com o suposto abandono de Margheritt, Roberto direciona sua ira para algo representativo, tanto para ele quanto para ela, ou seja, o gravador. De certa forma, simbolicamente, o menino destrói aquilo que o decepcionou, Margheritt.

Conforme Winnicott (1982), o comportamento antissocial são atos organizados, compelida à sociedade para retroceder a uma etapa em que as coisas deram errado. Caso isso seja feito, a criança poderá redescobrir o objeto bom e o ambiente seguro, possibilitando, assim, experimentar impulsos, inclusive os destrutivos. Ao discutir o filme, pode-se perceber que Roberto passa por esse processo de busca pelo objeto bom perdido, apresentando comportamentos antissociais. No entanto, encontra a esperança e o retorno com a pedagoga francesa. Na cena C.1.12, Margheritt o trata com respeito, pedindo para que olhe em seus olhos ao caminhar, atitude totalmente diferente da encontrada por Roberto na FEBEM e que, o próprio Roberto narra. Outro ponto a ser destacado é na cena C.1.13, momento em que Margheritt aplaude a conquista de Roberto ao terminar de ler o livro e, mais adiante, na cena

C.1.14. questiona sobre a mudança de sua vida. Nestes momentos, pode-se dizer que Margheritt assumiu a função materna de Roberto e, dessa forma, propiciou uma sustentação para ele, assim, a criança passou a sentir-se amada, acalentada, desejada.

Como proposto por Winnicott (1999) “agredimos o que amamos”, isso pode ser identificado na cena C.1.15, momento em que Roberto agride indiretamente Margheritt, através de seu gravador, e aguarda sentado na cama. Possível se perceber na fala do personagem que o mesmo apresenta certa frustração pelo fato da pedagoga retornar à França e o deixar. Assim, quando responde a ela que alagou a casa de propósito, espera o tapa que não veio, pelo contrário, Margheritt o acolhe e lhe diz que irá levá-lo junto. Margheritt acolhendo-o dessa forma, realiza o que Winnicott (1983) chamaria de *holding*, processo o qual possibilitará em um resultado satisfatório de maturação.

O que no princípio era uma relação de desconfiança e decepção, com o passar do tempo Roberto inicia um processo de respeito por Margheritt. Isso foi possível mediante empenho e dedicação por parte da pedagoga. O objetivo da agressão é a busca por um controle que force o funcionamento desse, orientada pelo medo. Ainda, a agressão na realidade interna, há uma busca por uma punição, aliviando assim, o sentimento de culpa. Dessa forma, a função do adulto é proporcionar o controle através da autoridade. Roberto passa a respeitar Margheritt nos momentos em que ela impõe limites para algumas atitudes suas, a começar no momento em que Roberto retorna para sua casa com o gravador recuperado de Cabelinho-de-fogo, representado na cena C.2.16. Mais adiante, por mais que desejasse conhecer o mar, local da história do Capitão Nemo, Margheritt brinca ao negar a ele que fosse banhar-se.

Ao final do artefato cultural, pode-se observar que, com a dedicação de Margheritt por Roberto, o menino consegue resgatar um objeto bom que outrora fora perdido. Dessa forma, pode-se relacionar esta cena final (C.3), com o restante das outras, afirmando que, por algum momento Roberto Carlos teve um ambiente saudável, recebendo de sua mãe investimentos saudáveis, porém, por desejo de ver seu filho formado, o inseriu em uma instituição. Neste local, Roberto perdeu este investimento, adquirindo comportamentos antissociais com a esperança de recuperar em algum momento o objeto bom perdido. Fato que se comprova no momento em que retorna ao Brasil, depois de sua estadia na França junto a Margheritt, e vai ao reencontro de sua mãe.

Portanto essas cenas nos levam a identificar que o personagem Roberto, passou por um processo de de-privação. Por mais que o intuito de sua mãe, ao instituí-lo, seria uma formação e um futuro diferente das que ela poderia lhe proporcionar, ao mesmo tempo lhe retirou algo bom. A FEBEM, em sua origem, buscava um ambiente de reparação para as crianças ali inseridas, no entanto, como assinalado pela psicóloga do local e visto durante o filme, tais objetivos não foram alcançados, talvez por falta de conhecimento e manejo por parte dos cuidadores do local. Observa-se também que, ao reencontrar o objeto bom, na figura da pedagoga, Roberto teve a possibilidade de desenvolver o seu verdadeiro *self*, formando-se em Pedagogia. Isso só foi possível devido ao ambiente facilitador que o personagem possuía em sua casa, infere-se ainda que sua mãe desempenhou uma função materna suficientemente boa para que isso fosse possível. Como descrito anteriormente, caso haja investimentos nas primeiras relações objetivas, há a possibilidade de retornar ao tempo em que este objeto bom foi perdido e reencontrar seu verdadeiro *self*. Mas, para que isso seja possível, deverá haver um ambiente que facilite tal encontro, bem como alguém que se disponha a realizar tal processo, como visto no filme.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho buscou identificar as possíveis contribuições de Winnicott acerca da relação entre criança e cuidadores em abrigos institucionais quanto ao processo de subjetivação. Para melhor compreensão, construiu-se um entendimento sobre as instituições de acolhimento existentes no território nacional, baseada nas leis e normas que regem sua funcionalidade e objetividade. Também buscou-se, a partir de uma revisão de literatura atrelada a um artefato cultural, um entendimento sobre o desenvolvimento da subjetividade à luz da teoria Winnicottiana.

Ao institucionalizar uma criança, busca-se o melhor provento de suas necessidades básicas, já que a mesma teve seus direitos rompidos. Busca-se supri-las através de alimentação, educação, lazer. No entanto, somente isso não é o bastante para sua constituição psíquica e desenvolvimento saudável.

Ao longo do tempo, as instituições foram sofrendo diversas mudanças em suas estruturas físicas e organizacionais, a começar pela localização, sendo importante que o local seja próximo da comunidade que a criança é oriunda, com arquitetura próxima as do local a qual está inserida. O ambiente deverá propiciar que ela sintam-se a vontade, o mais próximo possível de um ambiente familiar.

A figura materna na vida de uma criança se faz importante, porém, na ausência desta, alguém terá que desempenhar esta função. Na instituição de acolhimento, é necessário ter a presença de uma figura que compreenda sobre o desenvolvimento infantil e as necessidades da criança. Assim, possibilitará a mesma a resgatar um objeto bom que foi perdido com o acolhimento.

A partir da análise de conteúdo utilizada nesse trabalho, buscou-se uma integração das cenas representadas com o conteúdo pesquisado, facilitando, dessa forma, o entendimento do que se propôs analisar.

Durante o estudo, foi possível identificar que é possível a recuperação de uma criança que apresenta comportamento antissocial, através dos investimentos de afetos por parte daqueles que desempenham a função materna para com ela. Como visto, o comportamento

antissocial pode representar a busca de um objeto bom perdido em algum momento de sua vida. Cabe ao cuidador das instituições possibilitar o resgate deste objeto.

A realização do Trabalho de Conclusão do Curso, possibilitou a compreensão da importância do vínculo entre crianças institucionalizadas e os cuidadores do local. Também buscou compreender o processo dos comportamentos antissociais apresentados por crianças que, em algum momento de seu desenvolvimento, perdeu algo importante para sua vida. É importante salientar que há a necessidade de abranger os estudos propostos por este trabalho, visto que, ao realizar pesquisas encontra-se diversos artigos referente aos malefícios da institucionalização. No entanto, como visto na revisão da literatura e presenciado ao longo do filme, quando há um ambiente saudável, juntamente com pessoas que desempenhem uma função materna suficientemente boa, a criança poderá desenvolver seu *self* verdadeiro. Não é intuito, com isso, defender a institucionalização, no entanto cabe ressaltar que, desde o descobrimento até os dias atuais existem registros de acolhimento institucional. Sugere-se, assim, a necessidade da continuidade de estudos sobre a temática afim de desenvolver programas e políticas públicas para a sensibilização e oferecer a estas crianças um ambiente saudável de maturação, possibilitando, dessa forma o desenvolvimento de seu potencial herdado, como proposto por Winnicott.

REFERÊNCIAS

- Abreu, P. P.(2016) *Adolescentes em acolhimento institucional: o processo de saída*; orientadora: Lidia Levy de Alvarenga. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia.
- A Constituição e o Supremo* (2011) [recurso eletrônico] / Supremo Tribunal Federal. – 4. ed. – Brasília : Secretaria de Documentação. Modo de acesso: World Wide Web.
- Andrade, M. M. (2010) *Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação*. 10 ed. São Paulo: Atlas.
- Barros, R. C., & Fiamenghi Jr., G. A. (2007). Interações afetivas de crianças abrigadas: um estudo etnográfico. *Ciência & Saúde Coletiva*, 12(5), 1267- 1276. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232007000500024>
- Bee, H. L. (1996). *A criança em desenvolvimento*. (M. A. V. Veronese, Trad.) 7. ed. Porto Alegre: Artmed.
- Berthoud, C. M. E; Bromberg, M. H. P. F. & Coelho, M. R. M. (1998). *Ensaio sobre formação e rompimento de vínculos afetivo*. 2. ed. Taubaté, SP: Cabral.
- Bonavides, S. M. P. B. (2005). *A auto-estima da criança que sofre violência física pela família*. 2005. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Programa de Pós - Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- Dias, E. O. (2003) *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago.
- Diniz, I. A.; Assis, M. O & Souza, M. F. S. (2018). Crianças Institucionalizadas: um olhar para o desenvolvimento socioafetivo. *Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas* v. 3, n. 5, pp. 261 – 285, jan./jun.
- ECA e LDB: Duas pontes a favor do direito a educação*. (2015) Comissão de cidadania e direitos humanos. Porto Alegre, RS.
- El Koumi, M. A.; Ali, Y. F.; Banna, E. A.; Youssef, U. M.; Raya, Y. M. & Ismail, A. A. (2007) Psychiatric morbidity among a sample of orphanage children in Cairo. *International Journal of Pediatrics*, v. 2012. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3523538/> . Acesso em: 30 mai 2019.
- Fávero, E. T. (2007) *Questão social e perda do poder familiar*. São Paulo: Veras.
- Ferrarini, M. G. C.; Bertolucci, A. P. & Silva, M. A. I.(2008) Assistência em saúde às crianças e adolescentes abrigados em Ribeirão Preto, SP. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 61, n.3, p. 342-8. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v61n3/a11v61n3.pdf> . Acesso em: 20 abr 2019.
- Flick, U. (2004). *Uma introdução à pesquisa qualitativa* (S. Netz Trad). Porto Alegre: Bookman.

- Fonseca, R. L. S & Kelly, R. E. O, (2016) *Acolhimento Institucional: dos caminhos da história ao relato de experiência de atendimento de crianças e adolescentes na construção e perspectiva da autonomia*. Disponível em <http://acolhimentoemrede.org.br/site/wp-content/uploads/2016/08/ArtigoRenato.pdf>. Acesso em 20 abr 2019.
- Freud, A. & Burlingham, D. T. (1965) *La Guerra y los Niño* (C. Segura, Trad.) Buenos Aires: Ediciones Hormé S. A. E.
- Gabatz, R. I. B. (2016) *Formação de vínculos e interação entre cuidadores e crianças em uma briga*. Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Ciências.
- Gabeira, T. M. & Zorning, S. A. (2013). Os eixos do cuidado na primeira infância. *Caderno de Psicanálise*. v. 35, n. 29. Rio de Janeiro, dez. 2013
- Gil, A. C. (2002). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas S.A.
- Gomes, K. P. S., (2008). O manejo das crianças adotadas a partir da Teoria Winnicottiana. *APRENDER-Cad. De Filosofia e Psicologia da Educação – Vitória da Conquista*. Ano VI, n. 11, pp. 223 – 239.
- Laville, C. & Dione, J. (1999) *A construção do saber: manual de metodologia em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed.
- Lei nº 8.742, de 7 de Dezembro de 1993*. Lei Orgânica da Assistência Social. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome.
- Lemos, I. C. & Silva, R. B. F. (2019). Cuidado de crianças em acolhimento institucional: relações afetivas e dimensão temporal. *Psi UNISC*. Santa Cruz do Sul, v.3, n.1, jan. – jun. pp. 173 – 191.
- Maia, M. V. C. M. (2003). Quando mentir é cobrir um espaço vazio: reflexões sobre a mentira infantil em Winnicott. *Revista Eletrônica de Psicologia*. Ano I, n. 1 – Novembro.
- Nogueira, P. C. & Costa, L. F. (2005). Mãe social: profissão? função materna?. *Estilos da Clínica*, 10(19), 162-181. Recuperado em 29 de abril de 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282005000200010&lng=pt&tlng=pt.
- Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes* (2009).
- Polletto, L. B. (2012) *A (dês) qualificação da infância: a história do Brasil na Assistência dos jovens*. IX ANPED Sul, Caxias do Sul.
- Resolução Nº 109, de 11 de novembro de 2009*. Aprova a Tipificação de Serviços Socioassistenciais. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome.
- Ramalho Jr., F. ; Torres, M. & Fraga, D. (Produtores) & Villaça, L. (Diretor). (2009) *O contador de histórias* [DVD]. Brasil: Warner Bros.

- Salvador, A. D.(1974) *Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica: elaboração de trabalhos científicos*. 4. ed. Porto Alegre: Sulina.
- Tinoco, V. & Franco, M. H. P. (2011) *O luto em instituições de abrigamento: um desafio para cuidadores temporários*. Estudos de Psicologia I Campinas I 28(4) I 427-434 I outubro – dezembro.
- Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais*. (2014). Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. Brasília, DF.
- Torres, L. H. (2006) *A Casa dos Expostos na cidade do Rio Grande*. Biblos (Rio Grande), v. 20, p. 103-116.
- Winnicott, D. W. (1982). *A criança e o seu mundo*. (A. Cabral, Trad.) Rio de Janeiro, RJ: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A.
- Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. (I. C. S. Ortiz, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1979)
- Winnicott, D. W. (1984). *Privação e delinquência*. Martins Fontes, São Paulo.
- Winnicott, D. W. (1999). *Os bebês e suas mães*. (J. L. Camargo, Trad.) 2. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (2000). *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. (D. Bogomoletz, Trad.) 2. ed. Rio de Janeiro: Imago Editora.